

ATA da 243ª Reunião Plenária Ordinária do CADES

DIA, HORA E LOCAL DA REUNIÃO

Realizou-se na data de 15 de junho de 2022, quarta-feira, sob a condução do Sr. Carlos Eduardo Guimarães de Vasconcellos, Secretário Adjunto da Secretaria do Verde e do Meio Ambiente, representando neste ato o Secretário da Secretaria do Verde e do Meio Ambiente e Presidente do CADES Sr. Eduardo de Castro a 243ª Reunião Plenária Ordinária do Conselho Municipal do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável – CADES, com início às 10:18h, de forma híbrida – presencial (prédio da SVMA), e virtual pela plataforma Microsoft Teams, convocada pelo Diário Oficial da Cidade de São Paulo.

PAUTA

1. Aprovação da Ata da 242ª Reunião Plenária Ordinária do CADES;
2. Posse do Conselheiro Suplente Sr. Og Oliveira Pinto, representante da Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social;
3. Apresentação do Plano de Ação Climática do Município de São Paulo - PLANCLIMA pela Sra. Laura Lucia Vieira Ceneviva, Coordenadora em Mudanças Climáticas;
4. Sugestões de temas de pauta para futuras reuniões do CADES.

PARTICIPANTES

Liliane Neiva Arruda – Coordenadora do CADES

Carlos Eduardo Guimarães – Secretário Adjunto SVMA

Laura Ceneviva – Diretora do Comitê de Mudanças Climáticas

Pedro Caique Leandro do Nascimento - SGM

Maria José Gullo - SEHAB

Claudia Abrahão Hamada – SME

Patrícia Marra Sepe - SMUL

Lara Cavalcanti Ribeiro de Figueiredo - SMUL
Andréa Franklin Silva Vieira - SIURB
Douglas de Paula D Amaro - SIURB
Marcela Garcia Côrrea - SMADS
Magali Antônia Batista - SMS
Monica Massumi Hosaka - SMS
Tatiane Felix Lopes - SMSUB
Licia Mara Alves - SMC
Cleusa Guimarães - SMJ
Meire Aparecida Fonseca de Abreu - UMAPAZ
Rosélia Mikie Ikie Ikeda – CPA/SVMA
Vivian Prado Fernandes - CPA/SVMA
Juliano Ribeiro Formigoni – CLA/SVMA
Priscila Socudo Diniz – CFA/SVMA
Davi de Sousa - MMA
Cinthia Masumoto - MMA
Vivian Marrani de Azevedo Marques - SIMA
Alessandro Luiz Oliveira Azzoni – OAB SP
Marco Antonio Lacava - CMSP
Estela Macedo Alves - IAB
Beatriz Messenger Sanchez – ACSP
Marco Antonio Barbieri - FIESP
Jaciera Schaffer Rocha - SAJAPE
Maria do Carmo Lofti - CIRANDA
Delaine Guimarães Romano – Fórum para Desenvolvimento Da Zona Leste
Oswaldo Fernandes da Silva - Instituto Brasileiro Ambiental Lixo Energia Verde
Angelo Iervolino – SAL

CONVIDADOS

Jane Zilda dos Santos – CMC/SVMA
Tathiana de Vasconcelos – CMC/SVMA
Thomas W. – CADES Vila Mariana
Silvia Mielnik – CADES Vila Mariana

Maria Helena – CADES Vila Mariana

TRANSCRIÇÃO AUTOMATIZADA

Carlos Eduardo Guimarães – Secretário Adjunto SVMA: Bom dia a todos Conselheiros e Conselheiras e demais presentes. Na qualidade de Presidente da mesa, eu CARLOS EDUARDO GUIMARÃES DE VASCONCELLOS, Secretário Adjunto da Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente, dou início a 243ª Reunião Plenária Ordinária do Conselho Municipal do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da cidade de São Paulo (CADES) convocadas nos termos do artigo 7º do Regimento Interno resolução nº 140/CADES2011 e se realiza na data de hoje 15 de junho de 2022 quarta-feira, iniciando às 10:18h de forma híbrida com acesso online pela plataforma Microsoft Teams e presencial aqui na nossa sala de reuniões da Secretaria do Verde e Meio Ambiente. Passo a palavra agora para nossa Coordenadora Geral do CADES, a Sra. Liliane Neiva Arruda Lima para darmos início a nossa reunião e pauta do dia. Muito obrigado pela presença de todos e muito contente por retomarmos as nossas atividades presenciais, bom dia e vamos a nossa reunião. Liliane...

Liliane Neiva Arruda – Coordenadora do CADES: Bom dia a todos, bom dia Sr. Secretário, e a todos aqui presente e temos um conselheiro presente conosco Sr. Oswaldo Fernandes seja bem-vindo, da Macrorregião Leste 2, está presente conosco aqui hoje. Passando agora para o primeiro ponto do expediente do dia, a aprovação da Ata da 242ª Reunião Plenária Ordinária do CADES. Colocamos em votação do referido item aos Conselheiros e Conselheiras que concordam com a nossa Ata, permaneçam como estão. Dando como unânime. Passando agora para o segundo ponto do expediente, posse do Conselheiro (fala interrompida).

José Ramos de Carvalho – APGAM: Liliane, eu levantei a mão será que estão me ouvindo?

Liliane Neiva Arruda – Coordenadora do CADES: Oi Sr. José Ramos.

José Ramos de Carvalho – APGAM: Obrigado Liliane, eu só levantei a mão o seguinte na parte da Ata, que está a minha fala eu queria que só colocasse no trecho que a gente especifica “Fundo de Vale”, que está fundo e fala ininteligível então é Fundo de Vale, só fazer essa correção lá e está tudo certo. Obrigado, é só fazer essa correção porque especifica justamente o espaço que foi retirado.

Liliane Neiva Arruda – Coordenadora do CADES: Ok está bem. Eu peço a todos que desliguem o microfone, por favor. Passando agora para o segundo ponto do expediente, posse do Conselheiro suplente Sr. Og Oliveira Pinto representante da Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social, seja bem-vindo Sr. Og. Passo agora a palavra ao Sr. Secretário.

Carlos Eduardo Guimarães – Secretário Adjunto SVMA: Aproveitando para dar as boas vindas ao Sr. Og e é uma grande honra nossa aqui na Secretaria do Verde e Meio Ambiente empossar e saber da sua participação, que a sua participação vai somar para as atividades do Conselho. Então de acordo com a portaria SGM nº 167 de 2 de junho de 2002, eu dou posse ao Senhor Og Oliveira Pinto representante da Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social. Sr. Og se quiser fazer alguma observação ou manifestação, o Sr. tem a palavra. Senhor Og? Eu acho que ele caiu, vamos retornar então, aguardar o Sr. Og retornar, se ele tiver alguma manifestação a gente abre a palavra para ele. Vamos para o terceiro ponto e no retorno do Sr. Og, se ele quiser fazer uma manifestação a gente abre o microfone.

Liliane Neiva Arruda – Coordenadora do CADES: Passando agora para o terceiro ponto do expediente, apresentação do Plano de Ação Climática do Município de São Paulo (PLANCLIMA) pela Sra. Laura Ceneviva, Coordenadora em Mudanças Climáticas. Essa solicitação foi feita pelo nosso Secretário Eduardo de Castro que hoje teremos nossa apresentação do PLANCLIMA. Sra. Laura, por favor.

Carlos Eduardo Guimarães – Secretário Adjunto SVMA: Bem-vinda Laura.

Laura Ceneviva – Diretora do Comitê de Mudanças Climáticas: Obrigada, bom dia a todos, é um prazer estar de volta aqui no CADES, desde que começou a elaboração do Plano de Ação Climática em 2019, eu acho que é a quarta ou a quinta vez que eu venho

ao CADES fazer apresentações seja a parte intermediária, quando ele ainda estava sendo elaborado e mesmo depois de elaborado. Há vários Conselheiros do CADES novos, então essa apresentação vamos dizer assim, é uma forma de tornar mais claro e de aproximar dos conselheiros deste Conselho, que é consultivo mais principalmente decisório as questões que o Plano de Ação Climática trás. Então eu vou compartilhar com vocês a minha tela e vou fazer a apresentação baseada nela, eu peço a vocês que digam se apresentação está entrando, ela entrou?

Carlos Eduardo Guimarães – Secretário Adjunto SVMA: Para a gente aparece.

Então vamos embora, bom essa foto que vocês estão vendo aqui na capa da apresentação, eu tirei aí na Secretaria do Verde, é uma paisagem da minha janela e ela mostra que as coisas às vezes estão na nossa frente e a gente não consegue enxergá-la com as cores que tem que é o caso dessa luz no fim do túnel e aqui da tempestade caindo lá na zona leste e do céu turbulento que a gente tem em cima de nós. Muito bem, primeira coisa que é fundamental saber é que efeito estufa é um fenômeno natural que mantém o calor que garantiu o desenvolvimento da vida na terra no planeta terra e aquecimento global é o fenômeno decorrente do incremento da emissão de gases de efeito estufa, ou seja, aquele efeito estufa que é natural ele se tornou acirrado, se tornou muito grande retendo o calor na superfície da terra e aumentando a sua temperatura média e é evidente, se aumenta a temperatura o clima muda daí mudança do clima. Porque 2050 é tão importante? Na imprensa, nos debates é muito comum vocês veem 2050, até 2050, até 2025, até 2030. Então porque isso? Porque em 2015 os países assinaram o acordo de Paris, tudo bem, tudo muito bom o acordo de Paris diz que nós vamos manter a temperatura abaixo de 2 graus, mas preferencialmente abaixo de um grau e meio até 2100, ou seja, vai esquentar, mas temos que segurar esse aquecimento, muito bem, como é que faz isso? Ninguém sabia, perguntaram para o IPCC como é que faz isso para manter a temperatura nesse grau, aí o IPCC três anos depois respondeu que a gente precisa cortar 45% das emissões de CO² até 2030, e 100% das emissões em 2050, ou seja, a indústria do petróleo tem que acabar até 2050 e para manter abaixo de 2 graus tem que acabar com 100% das emissões até 2075 essa é a questão, o último relatório do IPCC começou a ser publicado no ano passado e o último foi agora acho que em março que é esse aqui, a avaliação do estado do planeta ela é composta normalmente de três volumes que são esses aqui os últimos,

que compõem o chamado AR6 que é o sexto volume da avaliação do planeta desde a convenção do clima desde a ECO-92. E por que a gente faz isso, por causa do risco, essa é a questão o risco que nós corremos e o que é o risco do ponto de vista da mudança do clima, são os perigos que a gente enfrenta e quais são os perigos? As altas ou baixas temperaturas, ondas de calor ou frio, que é diferente de baixa ou alta temperatura, a “onda de calor” ela pra ser onda de calor ou frio, tem que ter 5 ou 6 dias consecutivos fora da normalidade das médias, tem que ter alta pluviosidade, ou pluviosidade nenhuma a umidade do ar, ventania, raio, escorregamento e depois as consequências epidemias, quebra de safra, fluxo migratório, etc. Então o risco ele se caracteriza pelos perigos, pela exposição ao risco e o que é isso? Por exemplo, a gente vê aqui uma exposição ao risco numa tapera no meio da Caatinga, longe de tudo, de todas as possibilidades, mas vê também o risco a exposição da indústria do petróleo, aqui tá escrito “ExxonMobil” a indústria do petróleo que não se pode dizer que é pobre, mas ela está exposta ao risco quando a gente diz tem que acabar indústria do petróleo até 2050 ou, por exemplo, a árvore aqui, uma árvore com pouco espaço de crescimento numa calçada estreita, a casa em frente está exposta ao risco, não significa que o risco vai acontecer, mas esta exposta ao risco. E também a vulnerabilidade, o que é vulnerabilidade? A vulnerabilidade, por exemplo, é uma cidade de palafitas a hora que a água sobe essa comunidade aqui, ela é vulnerável à subida da água ou, por exemplo, aqui isso é um restaurante no México, ele tá pendurado num penhasco, ele é absolutamente vulnerável de despencar lá para baixo, só que essa vulnerabilidade dele ela é retórica porque, ele está exposto ao risco, tá pendurado, mas evidentemente quem construiu isso aqui construiu com todos os cuidados de engenharia para ele não despencar, portanto apesar de exposto ele não é vulnerável, ele seria vulnerável por que está exposto, mas ele não é. Aqui uma favela no morro, uma enorme vulnerabilidade a todos esses perigos, então o risco deriva da combinação dos perigos, da exposição e da vulnerabilidade. Essa é a definição que o IPCC trás desde 2014 essa é a fonte. E por que a gente tem que fazer isso, porque a gente tem o risco de perdas materiais e humanas e da desordem social e política. Os fluxos migratórios são exemplos disso, e para gerenciar o risco a gente tem que reconhecer que o risco existe, por exemplo, é muito comum ter gente dizer que não, imagina, mudança de clima, não sei o que, sempre existiu. Então vejam que isso é um fato, reconhecer o risco, depois considerar a probabilidade de o risco ocorrer. Tem gente que diz, imagina que na minha casa vai acontecer isso. Vocês lembram que a uns 4 ou 5 anos atrás a casa da Oprah

Winfrey, essa apresentadora Milionária norte-americana, lá na Califórnia pegou fogo e depois do fogo encostar vieram tempestades e escorregamentos e invadiu, portanto essa coisa de considerar a probabilidade do risco ocorrer é uma questão que parece que não vai acontecer, mas acontece para todo mundo, identificar o impacto provável do risco e descrever como o risco pode ou deve ser gerenciado e depois a gente evita o risco, a gente persegue as condições de geração do risco, a gente remove o risco, a gente assegura e tem aqueles que querem manter o risco, compartilhar o risco, transferir o risco, um monte de coisa, ou seja, para gerenciar o risco a gente tem que trabalhar a nossa cabeça e isso depende das pessoas e aqui a gente chega numa coisa muito importante que é: Os 20 países mais ricos do mundo compõem o G20 e eles se reúnem todos os anos, duas vezes por ano, e aí aconteceu que em 2018 os prefeitos das grandes cidades do G20 precisaram eles se reunir e formaram o que é chamado URBAN 20 que são essas grandes cidades para chegar nos Países e dizer, Países vocês estão discutindo as questões Nacionais mas as coisas estão caindo na nossa cabeça, nós os Prefeitos, e levamos para vocês as nossas demandas como Prefeitos para os problemas locais e aqui então nesse momento começou o processo de elaboração do Plano de Ação Climática, por que o Prefeito Bruno Covas, ele como autoridade política teve essa noção de que ele reconheceu o risco, considerou e tomou uma providência para que a gente pudesse enfrentar o risco e chegamos no Plano de Ação Climática. Aí a gente vê a mudança do clima é um problema planetário. Ela atinge o planeta, o ambiente humano que é o planeta terra e nós estamos falando do Plano de Ação Climática do Município de São Paulo, como é que a gente sai do planeta e chega aqui nesse pontinho do planeta que é São Paulo, há uma questão de escala que tem que ser considerada, depois tem uma questão sistêmica a ser considerado que é essa questão sistêmica, esse quadrinho do Laerte diz o seguinte: não cabe mais nem um carro nesta cidade, aí vem o carrinho e entra na cidade, aí o que acontece, desmorona, todos os carros estão aqui, aí alguém diz aqui: ó eu falei. Adianta pegar esse carrinho depois que aconteceu isso, tirar o carrinho, não. Não adianta já desarranjou o sistema que mantinha o equilíbrio nesta cidade, isso se chama a plasticidade de um sistema ele pode ser perturbado e voltar ao seu equilíbrio até certo ponto, a partir do qual não conseguirá mais voltar ao equilíbrio ainda que seja retirada a força causadora do distúrbio e isso é o caso dos sistemas naturais, em particular o sistema climático, então daí a regra e mudança do clima, não atingir o ponto de não retorno e só implantar projetos de não arrependimento, para a gente desarranjar o

sistema mais do que ele consegue aguentar. São Paulo já fez muita coisa em termos de mudança do clima, aqui tem vários exemplos, eu não vou me alongar encima deles, mas nós já fizemos muita coisa, mas agora nós passamos fizemos um Plano de Ação Climática procurando arranjar as ações do Município e dar a elas uma visibilidade, uma potência para ampliar a nossa contribuição para a mitigação de emissões, mas também e principalmente para gente já ir se adaptando para melhor suportar os danos que a mudança do clima pode causar. A elaboração do Plano de Ação Climática foi resultado da colaboração de quase 300 pessoas em um grupo intersecretarial da Prefeitura, a colaboração da associação internacional de cidades C40, da academia de vários professores universitários do setor privado várias empresas e associações da Sociedade Civil. Ele foi coordenado pela Secretaria do Verde a C40 e se destacar que a participação empresarial foi maior na fase em que se discutiu a mitigação das emissões anterior a pandemia da COVID-19 que coincidiu com a fase de se discutir a adaptação. Quais são os critérios de definição das ações integrantes do PLANCLIMA, em primeiro a gente partiu divisões setoriais, características das culturas profissionais dominantes e partimos disso buscando uma abordagem mais abrangente, multidisciplinar e intersetorial para o cidadão que tá na rua o problema é o problema não adianta a gente querer dizer não, mas isso quem cuida desses assuntos é o pessoal que trabalha com resíduos sólidos ou é o pessoal da saúde. Para o cidadão o problema é o problema, então a gente tem que ter claro que nós temos que trabalhar de forma multidisciplinar e intersetorial. Todas as propostas de ação estão ancoradas em normas, planos, e programas já existentes não é coisa de maluco a mudança no clima, ela está ancorada naquilo que já existe e ela só chama atenção e vamos dizer assim exige mais importância daquilo que tem impacto na mudança do clima. Foram definidas ações com potencial para catalisar a criação de mais ações, ações que tem arrasto, puxam outras coisas atrás de si e foram priorizadas as ações com base em 3 critérios básicos: os benefícios primários ou seja o potencial de mitigação de emissões ou adaptação aos impactos da mudança do clima, benefícios secundários que em realidade vocês vão ver são os principais benefícios, mas em termos de plano de ação climática nós chamamos as ações com potencial de mitigação ou adaptação como aquelas ações de benefícios primários e em terceiro a viabilidade. Os benefícios secundários foram definidos segundo os seguintes critérios: aumento de renda da população e diminuição da pobreza, acesso a serviços básicos de saúde e respostas emergências, aumento e maior acesso às áreas verdes e portanto conforto térmico, melhoria da qualidade do ar,

acesso à moradia adequada, melhoria da mobilidade da população e acesso ao transporte sustentável, maior acesso aos serviços de água e saneamento e inclusão e envolvimento da sociedade civil e a viabilidade que considerou as competências legais, fontes de financiamento, alinhamento ou questionamento da ação frente as normas culturais e sociais, acesso a financiamentos externos e etc. Então desse modo por quê? Porque a gente chegou para todo esse grupo de profissionais que nós trabalhamos, como é que a gente chega em 2050, 0 de emissão, aí surgiram 170 ações que foram listadas mais não dá para fazer um plano com 170 ações, então nós priorizamos com base nesses critérios e chegamos às ações componentes do PLANCLIMA. Então o PLANCLIMA tem essa capa, aqui está o link do PLANCLIMA, a Liliane já mandou para os senhores a apresentação e ele foi estruturado em 5 estratégias: rumo ao carbono zero em 2050, adaptar a cidade de hoje para o amanhã, proteger pessoas e bens, mata Atlântica precisamos de você e gerar trabalho e riqueza sustentáveis. Os focos dessas estratégias são: o planeta, nós, eu, sobreviver e sobre viver. Essa é a estrutura do PLANCLIMA, as ações do rumo ao carbono zero, elas são ações de repercussão geral procurando, por exemplo, criar massa crítica dentro da prefeitura para as questões energéticas, a energia é competência Federal. Então não, a prefeitura nunca se preocupou propriamente com a energia a não ser na hora de pagar a conta de luz, então precisamos criar massa crítica, transformar, por exemplo, a legislação de desenvolvimento urbano de modo a incorporar na legislação de desenvolvimento urbano à necessidade de diminuir a emissão de gases de efeito estufa, de aumentar capacidade adaptativa da sociedade, enfim, a transformação dos padrões de consumo energético da própria Prefeitura, ou seja, tem que começar em casa, a Prefeitura não pode ficar dizendo para os outros faz isso, faz aquilo, se ela mesma não faz, por exemplo, na substituição dos carros de serviço esses carros tem que ser não emissores, por exemplo, tem muita coisa que a Prefeitura tem que começar a fazer e fundamentalmente as ações de Embaixada, ou seja, tem muita coisa que o Município não tem competência legal para agir, então ele tem que agir como um embaixador do interesse dos seus Municípios junto a iniciativa privada, junto ao Governo Federal e Governo Estadual no sentido de defender os interesses dos seus Municípios. Têm ações em transporte, ao fomento ao transporte coletivo e ao transporte ativo, as estratégias de logística e abastecimento mexendo na distribuição de carga na cidade. Todas essas são as funções geradoras ou não geradoras de emissões de gases de efeito estufa, ações em energia estacionária, por exemplo, eu acabei de falar a transformação da

legislação urbanística que é: urbanismo, zoneamento, edificações, condicionada pela minimização de emissões, exemplo esses edifícios todos fechados só em vidro que vira um forno lá dentro e precisam de ar condicionado geral, isso emite gases de efeito estufa. Então tem que mudar essas coisas, aí as licitações sustentáveis na Prefeitura, ou seja, a Prefeitura só compra coisas menos emissoras de gases de efeito estufa, a melhoria na habitação de interesse social, coleta seletiva e a compostagem no caso dos resíduos, a implantação dos ecoparques previstos no plano de gerenciamento integrado de resíduos sólidos, o reporte periódico de emissões que a Sabesp tem que apresentar ao Município, por exemplo, para diminuir emissões e tudo mais. Temos a adaptação da cidade de hoje para o amanhã como... vocês estão me ouvindo?

Liliane Neiva Arruda – Coordenadora do CADES: Sim.

Laura Ceneviva – Diretora do Comitê de Mudanças Climáticas: Eu tive a impressão que eu tinha caído. Então no caso da adaptação da cidade de hoje para o amanhã, o que a gente precisa, o provimento habitacional para baixa renda, fortalecer a governança do Sistema Municipal de Defesa Civil, por exemplo, para gestão de riscos e desastres, o que é isso? Não significa comprar um mega computador, embora seja útil, claro, um mega computador para Secretaria de Segurança Urbana, mas tem que ter um Sistema Municipal, se acontece alguma coisa cada ente desse sistema tem que saber o que vai fazer naquela circunstância. Então tem que ter uma governança de Defesa Civil para a gestão intersectorial e transversal da redução de riscos e de desastres, a gente tem que aumentar áreas permeáveis, incluir soluções baseadas na natureza, na drenagem urbana. A caminhabilidade, a vida ao ar livre, a convivência e a cultura, mapear as áreas críticas inundáveis e incorporar as suas limitações, a Lei de parcelamento, uso e ocupação do solo. Nós já temos as áreas críticas, não todas, mas muitas áreas críticas inundáveis, no GeoSampa por exemplo, mas essas circunstâncias não tá incorporada na Lei de parcelamento, uso e ocupação do solo, tem que incorporar, manter e aperfeiçoar o córrego limpo, incluir a vulnerabilidade climática nos processos de licenciamento urbanístico e ambiental, por exemplo, o EIA/RIMA é uma coisa aprovada no CADES, então licenciamento ambiental tem que considerar as questões de emissão de gases de efeito estufa e de vulnerabilidade aos riscos climáticos, precisa considerar e a inclusão da variável climática no uso de fundos Municipais. A gente tem, por exemplo, não apenas o FEMA, mas o FUNDURB, e vários outros fundos. Tem que se

considerar a variável climática no uso desses fundos, com isso nós estamos adaptando a cidade de hoje para o amanhã. Proteger pessoas e bens, o que a gente faz, eu estou aprontando destaques para vocês, tem muito mais coisas, mas esses são os destaques. Elaborar o plano de contingência de seca, nós já tivemos em 2013/2014 e agora em 2020 uma seca muito grave, então precisamos ter um Plano de Contingência de Seca, caso ocorra uma seca pior do que essa, por exemplo, a gente precisa aumentar as áreas permeáveis a começar das propriedades da Prefeitura mas a sociedade como um todo. Ampliar a capacidade de resposta dos serviços de saúde a eventos climáticos extremos, atualizar anualmente o Plano Municipal de Arboviroses, manter e aperfeiçoar antigos programas que são VigiAr e o PAVS que é o programa Ambientes Verdes Saudáveis, ampliar a segurança alimentar e nutricional etc. Com isso a gente protege as pessoas e os bens. Mata Atlântica, precisamos de você. A Mata Atlântica é o nosso bioma e nós precisamos que esse bioma continue funcionando, então precisamos promover a melhoria do conforto térmico na cidade e com isso nós vamos fortalecer, como é que a gente vai melhorar esse conforto térmico, através da conservação da biodiversidade e também da prestação dos serviços ambientais que ela faz à sociedade humana. Além disso, nós temos que proteger e requalificar as nascentes de água precisamos de toda a água que a gente possa ter por que embora vocês vão ver logo a seguir, haja uma previsão de aumento, de quantidade de água disponível essa previsão não é tão certo assim, nós vamos chegar lá, então toda a água que a gente puder manter aqui nós precisamos manter. E finalmente gerar trabalho e riqueza sustentáveis que se apoia na economia circular e zero carbono no fortalecimento da mudança do clima, na política de educação ambiental o que já é feito, mas a gente precisa aumentar, intensificar isso porque vem vindo uma molecadinha que vai crescer e é essa geração que vai enfrentar muito mais problemas. Então a gente precisa que essas questões sejam fortalecidas na Política de Educação Ambiental e na Política Educacional de um modo geral, ampliar a produção agrícola local e fomentar agricultura familiar e orgânica na nossa zona rural. Bom, aqui é uma circunstância do Município de São Paulo, o trópico de Capricórnio, aqui passa o trópico de Capricórnio, esse marco tá no Horto Florestal e isso significam que o Município de São Paulo que tá aqui ó na passagem, no globo terrestre da zona tropical para a zona temperada, ou seja, nós estamos numa zona de transição e, portanto aqui existe muita incerteza ainda tá. Então a gente precisa sempre acompanhar porque, por exemplo, eu disse que se acredita que vai haver disponibilidade de água, mas dada essa circunstância de transição e incerteza

pode ser que não. Então esse é um ponto que a ciência está sempre muito se atualizando para gente, com maior tempo possível possa ter certeza se a água vai diminuir ou vai aumentar. Aqui por exemplo uma questão são dois gráficos que mostram as chuvas acima de 80 e 100 mm, esse produzido pelo IAG-USP, e esse pelo INMET o Mirante de Santana. Qual é a razão disso aqui, chuvas acima de 80 e 100 mm é uma bruta chuva, é uma chuva muito grande, então isso é para mostrar para vocês vejam, esses dois gráficos começam aqui em 1931 eles vão de década em década, década de 30, década de 40 e de 50, até a década de 2011 à 2020. É possível ver que a série histórica do IAG-USP é diferente da série histórica do Mirante de Santana, então tem que ter clareza, por exemplo, que às vezes as informações básicas que a gente usa são diferentes entre si, no entanto é muito útil que elas sejam diferentes entre si, por que ambas apontam que está havendo um crescimento de eventos extremos, está aumentando a quantidade de chuva, seja por esta medição que é do Mirante de Santana, seja por essa medição que é do IAG-USP que fica lá no Parque do Estado. Então isso mostra que a gente está enfrentando sim cada vez mais eventos climáticos extremos no Município de São Paulo no que tange a pluviosidade, por exemplo, aqui a chuva acumulada anualmente, de 5 em 5 anos mas é anualmente, há uma distância é que não dá para enxergar os pontinhos, desde 1933, então é possível ver que a quantidade anual de chuva tá aumentando essa linha, a média é essa linha pontilhada e tá ficando cada vez mais extremo tem muita chuva ou pouca chuva, por isso que eu digo que a previsão, a tendência histórica é de aumento mas pode ser que isso se reverta, então a gente tem que estar sempre muito atento porque pode haver diminuição da água para a população de São Paulo. Aqui a temperatura média anual que é essa preta. Aqui em cinza a temperatura média das temperaturas mínimas e aqui a média das máximas, então todas elas estão aumentando e é possível ver que a temperatura de 1933 à 2014, por exemplo, já aumentou mais de 2 graus, então principalmente os mais velhos lembram como era antigamente fazia muito calor durante o dia, mas todo mundo conseguia dormir à noite, agora já não é mais assim e vai ficar pior. Aqui por exemplo é uma informação muito interessante, peço desculpas pela qualidade da imagem está meio desfocado, mas isso foi escaneado de um livro do Professor Paulo Saldiva, "Vida Urbana e Saúde". É um estudo que foi feito da mortalidade por causas naturais em função de mudanças da temperatura em algumas cidades brasileiras, vejam só que interessante, por exemplo, aqui é Manaus, essa linha pontilhada ela mostra a temperatura que menos mortes ocorrem e a linha tracejada mostra a banda

de variação da temperatura ou seja entre 24 e 25 graus até 32 mais ou menos aqui, a partir da qual começa a morrer gente seja por que esfriou, seja por que esquentou, então em Manaus o ser humano que vive lá ele tem uma temperatura de conforto é essa aqui, por exemplo, que fica entre os 24, 25 graus, pouco mais de 24 até os 31 e pouquinho ele vive bem, ou seja, a partir de 24 graus a menos, sei lá, 20 graus começa a morrer gente em Manaus, se a gente vier em São Paulo essa banda de variação da temperatura que o ser humano que mora aqui a tolera, ela tá entre aqui uns 13 graus até uns 26, à partir dessas duas temperaturas, menos que 13 ou mais que 26 começa a morrer gente, em Salvador é 23 a 28, Porto Alegre é de 10 a 26, 27 isso significa o quê, o ser humano ele tem capacidade de se adaptar no lugar que ele vive mas isso tem limite, lembra daquela questão sistêmica que eu mostrei logo do começo, isso tem limite o corpo tolera até um certo ponto a partir desse ponto ele não tolera mais e ele começa a morrer e no nosso caso é uma temperatura que vai aproximadamente de 13 até os 25 e pouquinho 26. Aqui, por exemplo, mostra o risco de estresse térmico segundo uma série de características, densidade populacional, acesso aos Serviços de Saúde e tudo mais, olha um risco muito alto para as populações aqui do Jardim Brasil coisa e tal, aqui que é Brasilândia caminhando aqui para Freguesia do Ó, aqui que é no Capão Redondo para baixo já no campo limpo, aqui que é na Vila Prudente, aqui é São Mateus e são as áreas com maior risco de estresse térmico, ou seja, a atenção da saúde nessas regiões tem que ser redobrada por que as altas temperaturas e ondas de calor podem causar mortes muito mais rápidas nesses locais do que em outros. Aqui por exemplo mapeamento da cobertura vegetal do município é uma coisa que vocês conhecem já foi não só apresentado, mas aprovado pelo CADES e essa cobertura vegetal é fundamental para garantir conforto térmico e qualidade de vida na população e, portanto, os Parques são fundamentais para garantir o enfrentamento da mudança do clima. E por fim já terminando, destacar a questão da capacidade adaptativa. Nós fizemos um Plano de Ação Climática que procurou ser o mais concreto possível, procurou levar a lente climática para todas as culturas profissionais e Políticas Municipais, mas sem esquecer que a sociedade como um todo é que precisa ir se transformando, todas as pessoas trabalham ou usufruem de lazer etc. A gente tem que pensar o clima em tudo aquilo que a gente faz e com isso nós estamos fazendo o quê, essas circunstâncias que são concretas para cidade de São Paulo, elas vão se transformando à medida que a gente aumenta a nossa capacidade adaptativa, o que é isso, é uma combinação dos conhecimentos que nós temos habilidades, atributos e

recursos disponíveis para um indivíduo de uma comunidade, uma sociedade, ou uma organização que pode ser usada para se preparar e agir de forma a reduzir impactos adversos os impactos que são ruins, para moderar danos ou para explorar oportunidades. A pandemia da COVID-19 foi um grande exemplo para a humanidade dos impactos que a mudança do clima pode trazer, então a pandemia ofereceu oportunidades para vários segmentos, mas para maior parte a gente teve dano e a gente tem que moderar os danos ou reduzir, a vacina é um exemplo disso e no contexto da mudança do clima a gente precisa da capacidade de uma sociedade de agilizar os meios e recursos disponíveis para se adaptar, para enfrentar aquilo que vier pela frente. Então é disso que se trata, do aumento da nossa capacidade adaptativa, o Plano de Ação Climática ele tem clareza que ele não vai resolver tudo mas até 2050 muitos governos vão vir, então ele previu que no mínimo todo o primeiro ano de governo, cada novo prefeito tem que rever o PLANCLIMA e dizer a partir dos conhecimentos e possibilidades disponíveis no começo de cada gestão, como é que ele vai conduzir essa adaptação aos impactos da mudança do clima e como a gente vai contribuir para a minimização das nossas emissões, com isso nós aproveitamos a onda positiva da transformação e não ficamos esperando o tsunami do impacto da mudança do clima que vai provocar danos exagerados e nos reduzir vamos dizer assim, a uma cidade de (som ininteligível) vamos dizer, é o que pode acontecer com uma cidade tão grande e com tantas necessidades como São Paulo é. Eu lembro que quando São Paulo era uma vila Perdida no Meio do Império em 1827, logo depois da Proclamação da República, foi instalada aqui a segunda Faculdade de Direito do Brasil na Vila perdida no fundo do império e São Paulo foi uma cidade que se pautou e valorizou a produção de conhecimento, para fazer da nossa vida uma coisa melhor e a gente precisa se dedicar a isso sempre para com isso aumentar nossa soberania, a nossa capacidade adaptativa, a liderança e política e a nossa condição de ter recursos para vida e possibilidades de ampliação de riqueza. É isso que o Plano de Ação Climática pretende e eu trouxe hoje para vocês, deixando aqui o meu obrigado pelo convite, fica o meu e-mail para quem eventualmente tenha alguma necessidade. É isso que eu tinha para trazer aos senhores hoje, obrigada.

Liliane Neiva Arruda – Coordenadora do CADES: Obrigada Laura, excelente apresentação de extrema importância para a Secretaria e aos nossos conselheiros também, isso foi uma solicitação do nosso Secretário Eduardo de Castro, na penúltima

reunião, da reunião que tivemos do CADES e hoje a Laura esta aqui apresentando para nós. Eu passo agora para o Secretário da mesa o Sr. Carlos Vasconcelos.

Carlos Eduardo Guimarães – Secretário Adjunto SVMA: Laura é sempre um grande prazer ouvir suas palavras de a gente sabe que o PLANCLIMA foi um trabalho extenso e de muita dedicação sua e da sua equipe, então o grande desafio é o desenvolvimento de círculos virtuosos ao longo dos próximos 20 a 30 anos, e pesar a mão entre desenvolvimento e proteção do nosso clima. Isso daí não é algo que diz respeito só à gente, diz respeito ao mundo inteiro, mas como você mesmo mostrou, são diversas questões que a Municipalidade tem que tomar conta, a gente tem muito forte e mundo inteiro hoje entende a pressão e a necessidade de reverter as mudanças climáticas. O extreme weather, as mudanças...

Laura Ceneviva – Diretora do Comitê de Mudanças Climáticas: Os eventos climáticos extremos.

Carlos Eduardo Guimarães – Secretário Adjunto SVMA: Exatamente, as mudanças climáticas extremas são sentidas e já são reconhecidas no mundo inteiro a gente vê aí que todos os anos é muito tá sendo cada vez mais comum, principalmente nos Estados Unidos a gente ver as grandes mudanças climáticas são chuvas, são tufões não é, uma terra que já tinha essa tendência, mas nas últimas décadas principalmente para quem tem um pouquinho de cabelo branco ou não tem cabelo, a gente consegue olhar para trás e perceber o aumento dessa incidência do extreme weather e isso aí não só Estados Unidos, isso aí no mundo inteiro, e passou a ser uma bandeira que muitos sustentam, então queria agradecer a sua palestra mais uma vez, a gente da Secretaria fica embevecido por ter uma pessoa do seu quilate na nossa equipe e que traz tanto e que trouxe tanto na cidade, tanta informação e capacidade aí para gente. Então eu concludo, eu acho que a gente tem o Ângelo e o José Ramos querendo dar uma palavrinha, então abrimos a não ser que a Laura queira falar alguma coisa, a gente abre para o Sr. Ângelo para fazer (som ininteligível) Ok. Muito obrigado Laura.

Ângelo Iervolino – SAL: Bom dia a todos, Ângelo Iervolino, Sociedade Ambientalista Leste, Região Leste 3. Laura é um prazer novamente está contigo já assisti diversas palestras presencial aí no CADES contigo e sempre muito esclarecedora e formativa e

esclarecedora. Laura eu moro na Região Leste, na Região de São Mateus mais precisamente no Iguatemi. Apesar de nós termos o APA do Carmo, estamos construindo o Parque Natural Cabeceira do Aricanduva e temos apesar de que a gente tá brigando para conseguir oficializar, mas nós temos um corredor verde que vai desde a Jacu-pêssego, onde está o APA do Carmo até Cidade Tiradentes. Lá na entrada da terceira divisão segundo informações passa a linha do trópico, que provavelmente seja também o trópico de Capricórnio e nós temos no fundão, era uma, foram duas, agora hoje agora são três centrais de compostagem que queima muito gás e eu como trabalho ha 28 anos na saúde e foi feito o trabalho da incidência de doença pulmonar respiratória nessa região, eu queria saber uns dizem que a incidência da linha é um fator e outro fator a gente sabe que é a questão da queima do gás dos aterros sanitários. E nós e temos Subprefeitura da região que quando mais precisamos, acabou o seu departamento que cuidava exclusivamente da questão ambientalista. Qual a referência tanto da linha de trópico, como os aterros sanitários na saúde, principalmente de crianças e moradores na região.

Laura Ceneviva – Diretora do Comitê de Mudanças Climáticas: Eu posso responder com clareza uma, a outra mais ou menos. O trópico não tem nada a ver com o assunto. E eu chamei atenção pelo Trópico de Capricórnio por que vou até tomar liberdade, e compartilhar novamente aquela imagem ó está vendo aqui, tá vendo a América do Sul, o trópico é essa linha aqui, essa linha pontilhada que divide a parte verde que a zona Equatorial para a zona temperada, que é essa parte mais de baixo aqui. Então o trópico passar aqui mostra uma zona de transição no clima, não tem nada a ver com a questão de doença, o que acontece é que muitas vezes as doenças elas ocorrem mais na zona climática tropical do que numa zona climática mais fria só isso, o trópico em si não faz nada é uma linha imaginária só que como essa linha, para não ficar tão imaginária assim, para ficar mais claro para as pessoas que tem uns marcos como aquele que eu mostrei lá na foto. Então essa é uma resposta certa, não tem nada a ver uma coisa com a outra tá, a linha passar. Segundo a questão da incidência de problemas de saúde associada a emissões de aterros sanitários, essa é a questão. Existem inúmeros estudos que falam disso ou daquilo, eu me lembro até que trabalhou na Secretaria do Verde uns 15 anos atrás, um cara que estava querendo estudar até a relação com o câncer, por exemplo, mas daquilo que eu sei isso não se comprovou ainda cientificamente. Existem impactos e, por exemplo, os aterros sanitários são grandes

emissores de gases de efeito estufa, mas para doenças não existe uma coisa conectada com a outra. O pessoal da saúde e que vai poder responder ao Sr. os seus colegas que vão poder dizer com clareza se há estudos científicos sobre esse assunto ou não, essa é a resposta que nesse momento eu posso dar para o Senhor.

Ângelo Lervolino – SAL: Obrigado Laura novamente foi um prazer, obrigado e um bom final de semana para vocês.

Laura Ceneviva – Diretora do Comitê de Mudanças Climáticas: Obrigada, estou á disposição. Obrigada, igualmente.

Carlos Eduardo Guimarães – Secretário Adjunto SVMA: Obrigado Sr, Ângelo. Dr. Ramos.

José Ramos de Carvalho – APGAM: Olá bom dia a todos, teremos uma aula né, da Professora Laura, eu acho fundamental tudo que ela falou por que a gente vive tudo isso e eu anotei algumas coisas importantes e anotei é, Professora Laura, o nome Jardim Brasil. Jardim Brasil é o bairro onde eu moro, é exatamente quando o Professor Saldiva coloca nota de corte e aí eu já vou ajudar um pouco na resposta para o nosso Lervolino que, o que judia dos idosos que é aquele mapa de corte que a mortalidade que o professor coloca para São Paulo. E eu fiquei feliz dessa apresentação nova da Sra. porque a senhora veio para o Município nas outras apresentações mais ou menos macros. E quando a Sra. verticaliza, a Senhora reduz para o Município, do nosso chão de fábrica como comentei anteriormente, então a gente chega de próximo, eu vou ter um prazer de ir na Secretaria e levar para Senhora a poluição ensacada. Hoje é possível, hoje na nossa região e inclusive até para conhecimento de todos, eu tive um convite na semana passada para ir à Câmara Municipal e foi até no mesmo horário da Reunião do CONFEMA e eu levei poluição ensacada para esse Deputado Federal. Ele se assustou, mas ficou também identificando a ação, porque ele é morador de Guarulhos, então uma conversa com professor climatologista que agora me foge o nome, ele comentou exatamente isso. Ramos se nós tivéssemos que decidir no planeta qual seria o pior lugar para se instalar um Aeroporto Internacional, esse seria Cumbica, porque ele tá na Cabeceira junto de Serra da Cantareira, junto de áreas que são extremamente importantes para o equilíbrio climático da cidade de São Paulo e que

interessante, nós estamos numa região, professora Laura que nós temos um contraponto, uma ilha de calor já identificada pelo professor Antônio Manoel fundador do IPT, uma pessoa maravilhosa, ligado aqui a Universidade de Guarulhos. Então juntando ilha de calor, mas o El niño quando desce aqui pelas regiões de encontro, a gente passando pela Região Serrana do Rio de Janeiro, encontro nós aqui a chuva é realmente absurda e o próprio Professor Lacava que talvez esteja aqui também na reunião entende isso, e para nós é extremamente agressivo e agora que a senhora citou no meio desse caminho e já agradeço porque eu também vou ter que fazer uma apresentação no próximo dia 21 para os comerciantes da nossa região, em função que o El niño já chega a partir de junho de 2023. Então é de fato extremamente agressivo para nós, vai jogar sim a maioria dos comerciantes para baixo da água assim como residência e todo o setor público, isso é certo. Só que agora a gente vive isso que a Sra. acabou de falar agora que é a poluição e eu coloquei inclusive para o pessoal conhecer e já tinha até colocado os gráficos e a gente lutou fortemente nesses últimos 15 dias, Prezado Carlos, para esta reinstalação da estação meteorológica do Jaçanã, porque lá do Mirante Santana a gente fazia monitoramento já há 4, 5 anos que a gente vem monitorando, mas a do Jaçanã, ela é de intensa importância para nós e ela infelizmente tinha sido furtada duas vezes. Aí a gente conversou com o CGE já mandamos o Ofício através da agenda 2030 do Vale do Cabuçu e eles prontamente nos atenderam e ela começou a funcionar agora recentemente. E eu coloquei até para o conhecimento do pessoal, que nesse domingo, por exemplo, para esse grande exemplo, nós temos uma área que nós pela câmara técnica aprovamos a instalação de um Polo Logístico de transporte. Só que essa área é 200 mil metros de terraplanagem indevida e essa terraplanagem desse domingo o que ela fez com a nossa umidade relativa do ar, estávamos com uma umidade de 90%, ela em menos de 15, 20 minutos, jogou nossa umidade relativa do ar para 36%, isso nem começamos no inverno ainda e graças a CGE, aí fica os agradecimentos SIURB né, que temos aqui o André que representa a SIURB, foi instalado novamente essa importante estação para nós e aí a gente pode já monitorar essa primeira agressão. Então nossa grande preocupação, sem dúvida nenhuma quando o próprio Professor Saldiva cita o Jardim Brasil é que nós estamos dentro desse buraco jogados, que ele mistura ilha de calor, ele mistura umidade agressiva, mistura ao mesmo tempo chuvas intensas como a Senhora mesmo falou. Então queria agradecer absurdamente, lindamente seus cabelos brancos, como nós temos aqui Senhoras de 80 anos lindíssimas, como Dona Terezinha (som

ininteligível), como Dona Noêmia que tiveram na visita na Câmara Municipal naquele dia, e que nós vivemos radicalmente tudo isso que a Senhora falou. São 500 mil pessoas, foram 500 mil pessoas, são dezenas de escolas de Ensino Fundamental, Ensino Médio, alguma Universidade, hospitais, UBS ou a gente tem no Ribeirão chuvas intensas e aí fica já um convite para você, a Senhora me conhecer e vai ser um enorme prazer. São chuvas intensas no verão e no inverno nós temos essa coisa horrível que mata as pessoas inclusive minha mãe morreu por causa disso. Como eu tive a felicidade de fazer um colegial espetacular, onde ele tinha a filosofia e todas essas questões, eu comecei pesquisar porque que aqui esta morrendo fulano, sicrano, porque que tá morrendo essas pessoas e de repente sempre. E aí esse gráfico do Saldiva foi espetacular porque eles estiveram que fazendo a pesquisa, inicialmente com 3.000 pessoas nos bairros de Vila Sabrina, Jardim Brasil, Jaçanã, Jardim Julieta e depois posteriormente monitorado durante um ano, 45 famílias dentro desses perfis de idosos, crianças, as nossas crianças a maiorias todas com aparelhos respiratórios todos degenerados, nós tivemos uma reunião recentemente aqui no Parque São Rafael que pertence ao Município de Guarulhos, entre 8 crianças, 5 crianças nossas estavam com doenças respiratórias e os idosos como a Sra. falou lindamente do seu cabelo branco bonito, que exatamente são os mais agredidos, existe uma nota de corte mesmo, porque eles vão morrendo com dessas temperaturas e é o que a gente grita aqui por favor, usem toalha molhada, coloca do lado das suas camas. Então eu agradeço imensamente, eu vi que a senhora melhorou demais das apresentações, saiu do Macro e veio para o chão de (fala ininteligível) veio para o piso, que o Município de São Paulo precisa ficar atentos a isso, a Secretaria do Verde e adorei quando a senhora mencionou aqui que a Secretaria tem que ser embaixada, a Prefeitura de São Paulo tem que ser essa embaixada. Porque eu não consigo entender, quando a gente grita aqui e a CETESB me convida para tomar café. Então se eu grito aqui, a CETESB tinha que vir aqui. Se eu grito aqui a Associação Comercial de São Paulo, tinha que vim aqui também, porque a gente tem gente produzindo, gente trabalhando, se eu grito aqui a Secretaria de Educação tinha que vir aqui. E fiquei feliz com a chegada do nosso novo Conselheiro e da Assistência Social, porque também a gente tem alto, e a senhora comenta aqui as habitações de interesse social, nós temos uma ocupação de 600 famílias que eu não sei como passaram no frio de ontem. Então São Paulo tem que, a nossa prefeitura tem que ser de fato essa embaixada, para comunicar que lá no cantinho Norte da cidade, na divisa com Guarulhos nós temos um. A gente vai colocar

uma nova reportagem que vocês vão se assustar, mas eu tenho aterro sanitário que ele tá com 800 metros de altura já. Vocês acreditam, um aterro sanitário ele está com 800 metros de altura, ele é quase uma torre de babel que está exatamente a 3 quilômetros do Jardim Brasil. Então muito obrigado e vou fazer um convite, vou levar para senhora uma um monte de poluição ensacada, devo levar uns dois quilos para senhora fazer bons estudo sobre ele. Um grande beijo e agradeço muito.

Laura Ceneviva – Diretora do Comitê de Mudanças Climáticas: Obrigada Sr. José Ramos. Eu queria destacar uma coisa daquilo que o senhor falou que é o seguinte, todos nós tomamos um monte de decisões todos os dias, desde aquilo que a gente vai comer, se é que nós temos escolha, até uma decisão que pode envolver milhões de reais para aqueles que têm essa condição também, então se a gente não pensar que a mudança do clima é algo concreto que vai nos afetar, o senhor mencionou, por exemplo, uma área de aterro de 200 mil metros quadrados, alguém decidiu isso certo. Então é para saber que todos nós temos responsabilidade, é evidente que as grandes responsabilidades são das empresas e dos governos, quanto maior a empresa, maior a responsabilidade, mas todo mundo tem responsabilidade e a gente precisa refletir e mais, não vai ter, tem gente que acha que a mudança do clima é o final dos tempos e que a Bíblia já disse que o mundo vai acabar. Ainda assim, ainda pensando no pensamento religioso, mágico, ou o que quer que seja, quer dizer a gente tem inteligência para usar, e é todos nós, cada um de nós recebemos essa inteligência por dádiva e tem que usar, a gente tem que agir e principalmente o Município de São Paulo só é o que é, porque ele foi em frente, ele buscou conhecimento, ele puxou a transformação e o nome disso é liderança e a gente tem os desafios e problemas característicos da liderança, dá ousadia positiva mas também tem os benefícios e você ser líder nessas circunstâncias tem muitos benefícios senão a gente vai ficar os malefícios depois que o problema e a bomba cair na cabeça. Obrigada Sr. José Ramos.

José Ramos de Carvalho – APGAM: Obrigada Professora, eu só queria agradecer aí. Colocar as palavras que foram comentados agora primeiro o chapados, adorei (risos) Certamente as meninas aqui também vão gostar. E a ousadia positiva, há exatamente um ano nós fizemos a apresentação do Parque inundação e seria a mesma coisa que o Iervolino comentou que é o parque natural, nós temos a área que estão terraplanando. Ainda há tempo para gente breicar, falar opa espera aí, aqui tem um vale que é protegido

pelo plano diretor e precisa ficar aí quietinha, porque ela vai ter que nos proteger e por outro lado agradecer e com certeza eu passo na Secretaria e vou depositar para senhora aí 1 quilo de poluição. Eu acredito que no meu teor, dos meus cabelos brancos um dia eu poderia pegar a poluição na mão. Então vai ser uma satisfação imensa para nós aqui, e agradeço a oportunidade também.

Laura Ceneviva – Diretora do Comitê de Mudanças Climáticas: Muito obrigada.

Carlos Eduardo Guimarães – Secretário Adjunto SVMA: Sr. José Ramos, muito obrigado. Laura mais uma vez acho que a Ciara queria fazer uma... Ciara.

Jaciara Schaffer Rocha – SAJAPE: Olá bom dia, bom dia Carlos Eduardo, bom dia Laura. Parabéns por toda essa apresentação também já tive oportunidade de estar presencialmente acho que foi em 2019 também no CADES. Então como sempre fantástico suas apresentações, eu só fiquei numa dúvida, eu acho que não é nem para Laura, é mais para Liliane ou para o Carlos Eduardo sobre a questão que para mim fica sempre um pouco confuso, sobre a questão da divisão mesmo que existe dentro da própria Secretaria do Verde, que é o PLANCLIMA e o CECLIMA, para mim são duas siglas que eu não consigo correlacioná-las. Então assim eu sei que eu poderia entrar no site, mas como a gente tá trabalhando sobre a questão climática eu gostaria de entender mais porque vocês são da parte aí da Prefeitura, poderia nos orientar.

Laura Ceneviva – Diretora do Comitê de Mudanças Climáticas: Ciara desculpa, é (fala interrompida).

Liliane Neiva Arruda – Coordenadora do CADES: A Laura pode responder por que ela é da Secretaria, ela é nossa coordenadora do clima aqui.

Jaciara Schaffer Rocha – SAJAPE: Então porque eu não entendi Laura, como são essas divisões (som ininteligível).

Laura Ceneviva – Diretora do Comitê de Mudanças Climáticas: Fala de novo, é a divisão entre o PLANCLIMA e o que mais?

Jaciara Schaffer Rocha – SAJAPE: E o CECLIMA, é que eu não entendo muito bem essas divisões, é só para gente ver, eu queria aprender um pouco mais.

Laura Ceneviva – Diretora do Comitê de Mudanças Climáticas: Eu vou explicar.

Jaciara Schaffer Rocha – SAJAPE: Muito obrigada, e desculpa que é uma pergunta muito fora do contexto, mas para mim faz toda a sensação que eu preciso aprender.

Laura Ceneviva – Diretora do Comitê de Mudanças Climáticas: Bom a história é a seguinte, eu sou funcionária da Secretaria do Verde e já fui inclusive coordenadora do CADES vários anos e o que acontece é o seguinte, eu era a Secretária-Executiva do Comitê Municipal de Mudança do Clima e Eco economia, do comitê do clima, e sendo Secretária executiva eu tento exercer o papel da Secretaria executiva do comitê quanto o papel de Assessoria Técnica em Mudança do Clima por que na Prefeitura não tinha outro lugar propriamente dedicado para esse assunto. Aí nessa condição eu exercia a coordenação executiva de várias coisas inclusive essa da elaboração do PLANCLIMA, no ano passado o Prefeito promulgou o decreto institucionalizando o PLANCLIMA, mas no dia seguinte ele levou da Secretaria do Verde para a Secretaria de Governo Municipal todas as competências com relação a mudança do clima que eram da Secretaria do Verde, então a Secretaria do Verde tinha a Secretaria Executiva e a Presidência do Comitê do Clima tinha a Secretaria Executiva do Comitê da Frota, todos os trabalhos que eram elaborados nesse contexto e o PLANCLIMA propôs e o prefeito Bruno Covas acatou a criação lá na Secretaria de Governo dessa Secretaria de coordenação política da implementação do PLANCLIMA, então nós propusemos a criação da Secretaria Executiva de Mudanças Climáticas, nós propusemos também a criação de uma coordenação de mudança do clima na Secretaria do Verde mais isso não foi incorporado e não apenas um foi incorporado como tudo que era da Secretaria do Verde foi embora lá para a CECLIMA. A CECLIMA é uma subdivisão da Secretaria de Governo, então na Secretaria do Verde a gente tem as coordenações e lá eles têm as Secretarias Executivas, a CECLIMA é uma Secretaria Executiva lá dentro da Secretaria do Governo Municipal e ela levou todas as competências e tá lá então, nada muda o fato de que foi a Secretaria do Verde que fez tudo que fez.

Jaciara Schaffer Rocha – SAJAPE: Deveria voltar para Secretaria do Verde porque, por exemplo, o CECLIMA deveria estar aqui conosco hoje numa reunião dessa tão importante. Então era só uma dúvida assim, uma questão que eu sei é política, mas eu não ia conseguir ficar com essa pergunta internamente hoje.

Laura Ceneviva – Diretora do Comitê de Mudanças Climáticas: E se você for ler o PLANCLIMA está escrito lá, é para criar isso, isso foi incorporado, mas o resto daquilo que está no PLANCLIMA não foi incorporado.

Jaciara Schaffer Rocha – SAJAPE: Obrigada Laura.

Liliane Neiva Arruda – Coordenadora do CADES: Obrigada Ciara, espero que sanou sua dúvida. Delaine por favor.

Delaine Guimarães Romano – Fórum Para Desenvolvimento Da Zona Leste: Bom dia Professora, um prazer revê-la, não é a primeira vez que eu assisto uma apresentação, achei excelente. E aí queria fazer uma sugestão aqui com o Secretário. Ontem nós tivemos uma capacitação à noite para os CADES regionais, e que eu achei assim muito boa, na verdade muito boa iniciativa. Então gostaria de sugerir que a professora Laura fizesse essa apresentação também para os CADES regionais, tinha bastante gente assistindo, participando. Quem coordenou foi a Rute eu acho que ela não tá longe na reunião, mas gostaria de sugerir isso porque assim é muita informação importante e que a gente acaba não tendo acesso. Ontem foi sobre as Subprefeituras então assim, ele colocou algumas coisas que a gente nem imagina que aconteça, então acho que seria importante que a Professora fizesse essa apresentação principalmente como diz o Ramos que agora veio aqui para a parte (som ininteligível) Municipal de São Paulo, seria importante fazer essa para os outros conselheiros regionais. Eu acho que existe muita falta de informação, a gente fica um pouco às vezes a margem, das informações importantes, então eu gostaria muito obrigada viu professora pela apresentação.

Laura Ceneviva – Diretora do Comitê de Mudanças Climáticas: Delaine, eu vou agradecer muito seu comentário e dizer para você, a Rute inclusive tinha chamado que a gente participasse dessa apresentação, mas aconteceram duas coisas primeiro eu estou em férias e segundo a gente gostaria muito de fazer essa apresentação a cada

CADES não no grandão, pra oferecer o nosso tempo seja meu ou de algum colega da equipe, o nosso tempo para o debate com aquelas pessoas entendeu. Nós já fizemos apresentação, fomos convidados pelos CADES regionais. O primeiro foi Lapa, depois Pinheiros, Vila Mariana já convidou, o pessoal lá do Campo Limpo ia chamar, mas ainda não chamou eu acho que estou esquecendo alguma, Butantã. E a gente vai dizendo que tá disposição é só chamar, a gente vai marca para oferecer o nosso tempo discutindo grupo à grupo. Porque a gente entende que é importante procurar esclarecer sempre que seja possível, às vezes a gente não tem o domínio suficiente para esclarecer as coisas com aquele grupo, mas de qualquer forma poder usar o nosso tempo de um modo mais objetivo possível para oferecer informação para cada região da cidade. Então a Rute, eu vi a Rute passar em algum momento aqui não sei se ela está.

Liliane Neiva Arruda – Coordenadora do CADES: Ela está aqui conosco sim.

Laura Ceneviva – Diretora do Comitê de Mudanças Climáticas: É eu vi. Então ela tentou chamar a gente sim para essa para essa reunião, então não é uma coisa da Rute não, mas eu gostaria muito, sendo convidada a gente sempre vai comparecer. Só não vai comparecer se não houver compatibilidade de data, mas é nosso interesse inclusive poder levar para a população, por que a gente entende que não adianta a Prefeitura ainda que ela seja linda, maravilhosa e num passe de mágica fica tudo bem feito, e a sociedade não muda, todo mundo tem que mudar, então estou a disposição para qualquer convite que nos seja endereçado.

Delaine Guimarães Romano – Fórum Para Desenvolvimento Da Zona Leste: Ontem professora como tinham muitas pessoas, eu não sei se vocês estão me vendo. Para mim a câmera está desligada total, eu não consigo voltar, não sei o que aconteceu. Mas assim ontem como tinham várias pessoas de várias regiões da cidade, foi interessante porque assim depois de ser feita a apresentação pelo acho que é Radir né. Ele é chefe de gabinete me parece, fizeram assim, tem um debate bem amplo e foi bem interessante porque cada um trouxe um problema diferente da sua região, então houve uma troca de informações, talvez isso também seja interessante, que os outros assistam as regiões opostas, a Região Sul e Norte. Então assim cada um trouxe uma coisa diferente, foram acho que duas horas de capacitação, mas foi assim bem

interessante. Então de repente até legal fazer com várias regiões ao mesmo tempo porque cada um coloca a sua dificuldade, seu problema, achei bem interessante. Obrigada viu Professora.

Carlos Eduardo Guimarães – Secretário Adjunto SVMA: Valeu Delaine, é só para fazer um comentário sobre tudo aquilo que você colocou, que a Laura também. Eu tenho um projeto que a gente começou recentemente, eu dei orientação a nossa Assessoria de Comunicação junto com a UMAPAZ, para que a gente começasse a desenvolver apresentações no formato, não o formato PowerPoint, mas em formato Youtube, para colocar nas nossas redes sociais, isso aí para cada coordenação da Secretaria, certamente a Laura, a Rosélia vão entrar na dança, exatamente para facilitar e ter na nossa biblioteca visual e da obviamente biblioteca da municipalidade essas apresentações que são importantes, então é muito importante que a gente dentro dos colegiados a gente desenvolva esse trabalho de divulgação, do que cada coordenação, do que cada especialista, do que cada um da Secretaria do Verde faz, mais do que isso a disponibilidade dessas apresentações já dá um passinho adiante, por exemplo, se os nossos conselheiros já tivessem acesso a parte dessa apresentação da Laura, hoje a Laura podia vir para cá para falar das atualizações sobre o trabalho que ela faz, sobre a atualização em relação a isso. Então é um trabalho que já tá começando espero efetivamente que a gente tenha retorno e produtos a apresentar muito em breve, mas é um processo, o primeiro passo que leva à um segundo e a gente tenta cada dia mais melhorar os serviços que a gente presta tanto aos membros do colegiado, quanto aos Municípios. Queria chamar atenção que a gente tá atento a essa necessidade, estamos trabalhando para até pelas novas ferramentas aí de exposição, a gente consiga estreitar a nossa relação tanto com os municípios quanto com os conselhos que a gente toca e faz parte. Salvo engano, a não ser que a Laura queira comentar alguma coisa, o nosso Conselheiro Sr. Oswaldo ele que tá aqui, é o nosso Conselheiro que está presencial, ele queria fazer uma colocação. Então antes de passar para Vivian, aliás vamos fazer o seguinte, a Laura. Depois a gente abre para o seu Oswaldo e depois a gente vai para a Vivian, e volta ao Sr. Zé Ramos.

Laura Ceneviva – Diretora do Comitê de Mudanças Climáticas: O que eu ia comentar Carlos, é só que se for o caso eu não quero atrapalhar o andamento de vocês, se for o

caso de fazer em bloco todo mundo ingressa questões e aí a gente encerra, eu não tenho problema de horário, mas não quero atrapalhar vocês.

Carlos Eduardo Guimarães – Secretário Adjunto SVMA: Tá bom, obrigado. Senhor Oswaldo.

Oswaldo Fernandes da Silva - Instituto Brasileiro Ambiental Lixo Energia Verde: Bom dia a todos. Eu venho aqui parabenizar o CADES, pela proposta à sociedade da participação, nos como Instituto Ambiental, Conselheiro Titular da Macrorregião Leste 2. Nós vimos a importância que tem essa construção entre os três pilares da nossa cidade que é o poder público, a sociedade civil e a área corporativa, as empresas. Então a palavra trouxe com muita propriedade essa construção que tá criando essa sinergia, e o Carlos Eduardo, porque eu tenho muita propriedade a utilização dessas ferramentas que possibilitam levar esse conhecimento que a Rute ontem transmitiu e que a Laura, demais componentes do setor público, que faz a gestão da nossa cidade tenhamos a oportunidade de compartilhar isso e criar situações de melhora continua. Então acho que é muito importante a posição que o CADES tem dentro da nossa sociedade, e venho aqui mais uma vez parabenizar esse trabalho que está sendo desenvolvido, que foi colocado agora essa apresentação pela Laura, das oportunidades que a gente tem através de soluções criativas, e nessa sinergia, esse comprometimento entre todas as áreas, tá melhorando e estar trazendo propostas de soluções para esses problemas que são corriqueiros e cada vez mais está trazendo riscos cada vez maiores e a atuação é necessária. Então eu gostaria aqui de deixar nesse momento a nossa contribuição e estou aguardando a Rute e a Laura para ver a possibilidade de estar elaborando uma agenda, aonde possamos convergir data e horário, para tá levando para a sociedade aonde eu represento através do Instituto (som ininteligível) essas informações que eu acho que trazer todo esse conhecimento tá para o cidadão, aonde ele ver que a educação ambiental dentro da casa é uma coisa muito importante, na parte de descarte de resíduos, de saber e também uma coisa muito importante que foi colocado aqui, que o cidadão ele tem a oportunidade, ele tem o dever como cidadão de enxergar que a Área Legislativa é muito importante, porque assim o governo atua poder executivo através do CADES, mas a Câmara Municipal tem que nos botar de mecanismos, de ferramentas na Área Legislativa para que nós possamos, por exemplo, será que o Município que tem uma educação ambiental, um descarte de resíduo mais próximo a

atender essas necessidades que a gente tem que mudanças climáticas ele não poderia ter um benefício como colaborador, então essa interação que é essencial, e CADES ele traz isso a cada reunião. Então mais uma vez não sei não redundante, eu venho aqui manifestar o nosso total apoio ao CADES e principalmente à Secretaria do Verde e Meio Ambiente que tem trabalhado constantemente para essas melhorias chegarem a todos esses milhões de habitantes que São Paulo tem. Mas eu acho que é uma construção que todos tem que contribuir, tanto a sociedade civil como a parte do executivo e do poder público, quanto das empresas também e as empresas elas têm essa visão as vezes minha distorcida de ser um grande vilão, mas eu acho que não, tudo é feito de uma forma harmônica, então nós temos que inserir todos os atores e através do grande consenso de um debate, procurar as opções que realmente nos tragam condições melhores no dia a dia. Eu agradeço muito a oportunidade, eu sei que o tempo é muito limitado, mas o que eu quero deixar bem frisado aqui é que está sendo construídas pelo CADES condições para que se atinja uma melhora muito rápida entendeu. Temos que agora utilizar as ferramentas para ter essa performance, mas (som ininteligível) possível. Muito obrigado.

Liliane Neiva Arruda – Coordenadora do CADES: Oswaldo só complementando sua palavra, que desde que eu assumi a coordenação do CADES, estamos montando um novo CADES aqui na Secretaria do Verde. Então a nossa equipe foi reformulada, eu trouxe a Rute novamente com a gente aqui, para poder estar nos auxiliando e lembrando também vocês assim, com a sua palavra, com a palavra da Laura, a cada reunião do CADES, vamos trazer sim novidades, vamos trazer apresentações para todos os nossos conselheiros, fica assim que o que está acontecendo na cidade de São Paulo que é muito importante para nós tá. E lembrando também que eu vou trazer já um convite para vocês, as palavras da Laura que é muito importante, eu, a Rute e a Meire estão fazendo nosso primeiro encontro do CADES regionais. Que vai ser dia 9 de julho na UMAPAZ, das 9 horas ao meio-dia, mas esse convite eu vou fazer formulado para cada um dos conselheiros aqui presentes. Aí assim, a Meire até já deu risada, depois vou dar a palavra para você Meire. Para mostrar que nós estamos sim preocupados com o CADES regionais, com CADES Parques e CADES central de vocês. A gente vai dar o carinho que cada um precisa aqui. Laura, por favor.

Laura Ceneviva – Diretora do Comitê de Mudanças Climáticas: Não tinha entendido desculpa, que ia ser em bloco, acho que não tenho nada para acrescentar, agradecer as palavras do Oswaldo.

Liliane Neiva Arruda – Coordenadora do CADES: Está bem. Obrigada Laura. Vivian por favor.

Vivian Prado Fernandes - CPA/SVMA: Vocês estão me ouvindo? Acho que travou.

Carlos Eduardo Guimarães – Secretário Adjunto SVMA: Estamos sim Vivian.

Vivian Prado Fernandes - CPA/SVMA: Laura, vou tirar um pouquinho a máscara aqui. Então sempre é um prazer, eu lembro a primeira vez que eu vi uma apresentação sua que assim, você sai realmente cheia de remorsos. Porque um dia na vida errou, acendi um lampião, a querosene. Mas independentemente até escrevi no chat eu acho assim que chegou mais do que o momento da gente começar a trabalhar com ações vinculadas aos licenciamentos, a gente não pode mais permitir uma cidade do jeito que tá ficando a nossa, você anda por aí a gente enxerga verdadeiras paredes de prédios e assim ilhas de calor que vão se formando, a cidade cada vez mais impermeabilizada, arranha céus que a gente não tem noção das alturas, então assim vinculada a tudo que você falou pela minha experiência de área de proteção de mananciais, eu acho que a gente tem que trabalhar para que os licenciamentos envolva uma questão, vinculado a questão do clima. É muito importante não só para Região Metropolitana de São Paulo como para as outras regiões metropolitanas e esse estado é um exemplo para o país, então a gente precisa eu não sei como, se nesse ambiente do CADES, eu não sei como. Em paralelo hoje eu não sei se vocês sabem, mas nós temos um acordo ambiental São Paulo e o Município de São Paulo é um aderente, ele também assinou o acordo, então acordo é ele é uma iniciativa do Governo de São Paulo lançado em 2019, num esforço de atuar frente ao combate das mudanças climáticas, com a promoção de engajamento de um dos principais atores do Setor Empresarial e da Gestão Pública, ele é voluntário e começamos com 55 aderentes, hoje nós temos mais de 1.000. Já fizemos um livro daqui da área que eu trabalho, um livro sobre os principais Caso, então assim embora nós tenhamos mais de mil aderentes, é pequenininho porque a visibilidade dele não tá na mídia, não tá na casa de todo mundo, não tá dentro do licenciamento não faz parte,

mas depende eu até conversei com a Josilene que é a coordenadora aqui pela CETESB, desse a gente chama o programa, Acordo Ambiental São Paulo. Se vocês eventualmente gostarem ela falou que tá disposta a fazer uma apresentação aqui também e eu estou pensando assim a gente está unindo forças, nós precisávamos chegar no Gran Proabe, eu não sei de que forma, mas eu acho que o input de hoje está dado, demos um start aí no botãozinho, que sei lá sinalizado em 2015 no acordo de Paris, mas que a gente tem que levar para frente, ele não pode morrer aqui nessa reunião na Ata de hoje, não sei como nós conseguiríamos compartilhar essas responsabilidades, mas em todas as questões seja do licenciamento Municipal, do licenciamento Estadual, no âmbito de EIA/RIMA, a gente precisa engajar esse tema e incorporar nas nossas atitudes do dia a dia e nos licenciamentos, sem isto é impossível não vejo como. Era isso que eu queria falar mais uma vez meus parabéns eu sou super sua fã. Obrigada.

Laura Ceneviva – Diretora do Comitê de Mudanças Climáticas: Obrigada. Carlos posso falar? O seguinte, com relação a isso que a Vivian falou eu acho que é muito importante a gente unir forças com o Governo do Estado de São Paulo e eu acrescento além do acordo ambiental e a presença icônica da Josilene também, que vários momentos ela esteve junto conosco, e a gente aprende muito com ela também. Lembrar que o estado de São Paulo fez um programa de descarbonização, o estado de São Paulo integra lá dentro do fórum econômico Mundial um grupo de trabalho para discutir a descarbonização e houve uma proposta para isso, a gente participou do debate para a construção do programa de descarbonização do Estado de São Paulo. Hoje em dia a gente não teria mais a mesma competência por que as competências foram pra CECLIMA, a gente poderia participar apenas enquanto Secretaria do Verde, mas a gente procura estar sempre muito articular eventualmente, não junto necessariamente, mas articulado com o governo do estado e vice-versa, o município evidentemente tem tudo a ver uma coisa com a outra, então esse exercício de liderança não é só para o Brasil, o Carlos até chamou atenção um tempo atrás, mas nós somos exemplo para o mundo. Porque aqui em São Paulo nós temos o melhor dos melhores e o pior dos piores, todos os países do mundo, todos os órgãos multilaterais tem interesse no município de São Paulo. Então se a gente consegue implantar aqui normalmente implanta em qualquer lugar por causa das características da nossa sociedade que tem muita contradição. Então é só para destacar voltando a questão da Vivian, estamos a

disposição e para dizer da nossa participação no programa de descarbonização do Estado de São Paulo.

Liliane Neiva Arruda – Coordenadora do CADES: Obrigada Laura pela sua explicação. Obrigada Vivian pela sua contribuição, passo agora a palavra para Meire, a Estela, o Marco Lacava, e depois o Sr. José Ramos. Vou dar a palavra para pessoas que ainda não falaram, por favor. Meire.

Meire Aparecida Fonseca de Abreu – UMAPAZ: Oi bom dia a todos. Eu estou aqui extasiada todas as vezes que eu ouço a Laura eu fico assim, minha cabeça parece que fica construindo um monte de coisas. Laura, obrigada pela sua apresentação a gente tá muito junto nessa construção, a gente tá trocando muitas coisas, mesmo porque a coordenação de educação ambiental está no processo junto com a Laura, junto com a equipe da Laura fazendo os esforços e a gente tá construindo um programa que nós estamos chamando de “Novos Caminhos” onde a gente vai trazer essa urgência das mudanças climáticas de uma forma mais pedagógica, de uma forma mais de educação ambiental, então só queria contar isso para vocês a gente já está trabalhando nisso, a gente já tá com algumas formações acontecendo, segundo semestre tem uma formação aí de Educomunicação junto com a Secretaria de Educação, então a gente só tá juntando esforços porque acho que já passou o tempo de a gente pensar no futuro, eu acho que agora é presente ou a gente não vai ter futuro. Então era isso, queria agradecer muito a Laura, agradecer a Vivian, eu acho que é superimportante essa união, acho que a gente tem que resgatar todas as forças que a gente tem, tanto estado quanto município, mesmo a gente não sendo a responsável, secretaria executiva responsável, a gente não pode deixar de ter essas articulações porque é muito importante e assim e pensando em Secretaria do Meio Ambiente a gente tem que estar presente, não tem como falar de Meio Ambiente, de sustentabilidade, de mudanças climáticas, sem ter a Secretaria do Meio Ambiente nessa história. Então só queria agradecer a apresentação e colocar a Coordenação de Educação Ambiental também a disposição e contar as novidades para vocês, obrigada.

Carlos Eduardo Guimarães – Secretário Adjunto SVMA: Valeu Meire. Temos os nossos projetos (risos), mas exatamente o que a gente estava falando que eu comentei no estágio, tem uma série de projetos, muitos voltados à educação ambiental. Esse daí é

apenas um deles não é Meire. Temos bastante coisa aí para mostrar até o final do ano, muita coisa saindo, muitos projetos em desenvolvimento. Aproveitando a Educação Ambiental ao que eu sempre chamo atenção aí, que a gente tá careca de saber, para quem tem um pouquinho de experiência, a gente tem que educar hoje para ver a diferença daqui a 10, 15, daqui a 20 anos. A educação é geracional, pessoas já madura de certa idade, elas foram ensinadas dentro de determinados contextos que não representam mais a necessidade de hoje em dia, principalmente em relação à responsabilidade ambiental e com isso daí a educação partindo dos pequeninos é muito importante porque principalmente nas parcelas com mais dificuldade na questão de educação, as crianças elas levam da escola para casa a educação ambiental e elas criam a pressão junto a paz até o resto da família, para que os novos conceitos e as novas práticas sejam implantadas, isso daí é muito importante e nesse contexto a participação da Secretaria do Verde dentro da cidade de São Paulo e todas as nossas parcerias, contatos, e conversas com secretaria de educação, SIMA e os outros atores que nos ajudam a criar essa pressão, a criar esse essa onda boa, essa onda verde todos ajudam a gente, graças a Deus a gente tem uma participação efetiva dentro da Gestão Municipal, nós somos ouvidos e só temos a agradecer e pé no acelerador e vamos em frente. Meire obrigado, Laura obrigado. Agora nós temos a Estela.

Estela Macedo Alves – IAB: Bom dia sou representante do IAB. Eu acho que mais, eu queria dizer o que as últimas duas pessoas falaram, sobre a necessidade de juntar esforços da participação, porque eu sinto que há uma desconexão muito grande do que é necessário e o que a sociedade civil prática. Em geral as pessoas realmente não estão preparadas, não estão pensando nisso, elas ainda acham que é distante. Isso ficar muito na bolha, já falei aqui outras vezes, fica na bolha de nós que discutimos o problema. Só para não ficar no blá, blá, blá, e fazer alguma proposta, semana que vem tem Assembleia do IAB e eu vou propor na Assembleia, se for de acordo também com o CADES, uma parceria entre CADES e IAB, para levar a discussão para os arquitetos Associados, não digo na construção civil que a construção civil é um setor muito abrangente e um pouco até restritivo para esse tipo de ação, não sei se eu queria essa capacidade, mas dentro do âmbito da arquitetura acredito que o CADES e IAB possam fazer algumas ações para mobilizar nesse trabalho de formiguinha, não sei se cabe à gente fazer isso, talvez palestras ou informativo para os arquitetos, tentar trazer o máximo de setores possíveis para essa consciência e era nesse sentido.

Carlos Eduardo Guimarães – Secretário Adjunto SVMA: Estela tem sempre oportunidades, sempre parcerias podem ser feitas aqui no âmbito da Secretaria do Verde, eu tenho prazer, tem a responsabilidade de coordenar a nossa comissão de parcerias, e é o que eu falo assim como no gabinete, na comissão de parcerias as nossas portas estão sempre abertas em estar buscando sempre empresas e entidades para junto com a secretaria fomentar e desenvolver o verde na cidade de São Paulo. Através de novas soluções, através de todos os tipos de oportunidades, como a Laura falou a cidade de São Paulo ela é vista pelo mundo, ela tem diferenças e diferenças que chamam muita atenção, pela multiplicidade de diferenças e com isso daí é nosso dever a gente está sempre, a gente não fecha a porta. Se a proposta for boa, se tiver interesse a gente está sempre aqui, pronto para ouvir, pronto para dar as mãos e fazer mais pelo Verde e pelo Meio Ambiente de São Paulo. Muito obrigado Estela, a gente está à disposição.

Estela Macedo Alves – IAB: Obrigado.

Liliane Neiva Arruda – Coordenadora do CADES: Dr. Marco Lacava. Por favor, bom dia.

Marco Antonio Lacava – CMSP: Bom dia Secretário.

Carlos Eduardo Guimarães – Secretário Adjunto SVMA: Bom dia Lacava, muito bom te ver aqui.

Marco Antonio Lacava – CMSP: Bom dia companheiros, conselheiros. Parabéns Laura pela brilhante apresentação, eu apenas faço uso da palavra na condição de Conselheiro representante da Câmara Municipal de São Paulo, na medida em que ontem eu recebi na Câmara Municipal uma denúncia, que me transforma em porta voz para conscientizar e levar ao CADES uma triste informação, pessoas ligadas Associação da Vila Que Te Quero Verde, a Vivi que se localiza na Vila Silvestre entre São Paulo e Osasco, denunciaram o corte de 377 espécies em questão de dois dias, no dia 8 e no dia 9 de junho, trata-se de um remanescente da Mata Atlântica cuja ação civil pública já apontou e suspendeu os alvarás concedidos pela Secretaria do Verde e pela CETESB. A Vivian mencionou licenciamento para vincular o licenciamento a

preocupação climática, eu acredito que quando esse tipo de ação ocorre nós devemos trazer principalmente para o ambiente aonde como disse a Laura se decide as coisas, as responsabilidades e lamentando o ocorrido porque embora o Ministério Público já foi acionado pela Associação que me procurou e denunciou essa violação, esse crime ambiental que foi aproveitado no momento em que houve uma liminar mas que os construtores não receberam a notificação da liminar e antes de receber condenaram 377 espécies de um remanescente do bioma da Mata Atlântica, ou seja, é lamentável que a gente se dedique tanto, se preocupe tanto e de repente ocorrem ações em que embasadas na Lei do licenciamento oferecido, foi condenado mais um pedacinho da Mata Atlântica do Estado de São Paulo, desta vez entre São Paulo e Osasco tanto do lado do São Paulo, quanto do lado de Osasco, principalmente do lado de Osasco. O projeto é um megaprojeto, está sendo, está tentando implantar e que condenou 377 espécies e se não parar por aí talvez o dano seja um pouco maior. Eu apenas trago essa lamentável notícia para que os conselheiros e os companheiros tenham ciência do que tá acontecendo. Obrigado.

Carlos Eduardo Guimarães – Secretário Adjunto SVMA: Obrigado Lacava, vou me informar sobre o que aconteceu lamentável quando supressão é realizada sem a devida autorização. O que eu tento sempre me lembrar, enquanto Secretário Adjunto daqui do verde, é que a questão ambiental, a supressão ocorre, mas quando autorizada obviamente, mas mais importante que a supressão é a educação e a reparação ambiental, ou seja, quando um grupo de pessoas, alguém, uma empresa vai a uma área e faz a supressão, a supressão já está feita, a gente só pode trabalhar na prevenção e eventualmente quando feita de forma ilegal nas sanções relacionadas a isso, no geral e essa é a base, uma das bases da Secretaria, a gente tem que estar sempre protegendo, criando, desenvolvendo e reparando o dano ambiental. Então vamos torcer para que se essa supressão ocorreu até acredito que sim pela denúncia mais que seja devidamente reparada no menor tempo possível através das formas habituais. É uma pena sempre que a gente ouve sobre abusos, mas mais importante do que coibir abusos é planejar para que esses abusos quando ocorram que eles sejam rapidamente observados, tratados e evitados, ou seja, começou uma supressão que o poder público seja informado e que atue rapidamente para coibir o mais rápido possível o maior dano ambiental e caso ocorra, que ele seja reparado das diversas formas que a Lei permite através de plantio, através de reflorestamento e obviamente também

através de multas. A gente sabe que o que mais dói em alguns é exatamente no bolso. Então vamos nos informar um pouquinho mais sobre o que aconteceu efetivamente e pedir aí as providências cabíveis, tanto no âmbito da secretaria, quanto no âmbito da Segurança Pública. Muito obrigado aí por trazer isso aí para gente Lacava.

Delaine Guimarães Romano – Fórum Para Desenvolvimento Da Zona Leste: Secretário, posso só fazer uma colocação rapidinho sobre o que o Lacava está trazendo, isso aí é bem próximo da minha casa. Uma construtora EcoGroup, eles vão construir aqui só no terreno do Golf Club 15 torres de 45 andares, então assim eles tiram as árvores muito rapidamente a gente não consegue nem praticamente ver quando isso acontece, em dois dias eles fizeram toda essa supressão no terreno da Condessa Matarazzo e assim não vão parar por aí, porque tem muito terreno aqui que eles já compraram, toda essa parte é de Mata mesmo, e é muito rápido, é muito rápido a gente até perde (fala interrompida).

Carlos Eduardo Guimarães – Secretário Adjunto SVMA: A supressão é muito rápida, às vezes, imagino que essas empresas consigam autorizações precoces, ou seja, a autorização está lá e em 2 dias fazem uma devastação desse tamanho infelizmente a gente tá preso a legislação, as normas, no caso da Secretaria a gente tem que ver se existe TCAs envolvidos, se foi assinado, em que condições e tomar eventuais providências, mas é como eu falei se houve, normalmente quando a gente fala de TCA, sempre que existe um TCA existe uma reparação de alguma forma, uma reparação de mais de uma forma, reparação financeira e reparação em plantio, normalmente maior do que a área que foi retirada. Eu não sei especificamente qual é o caso, mas a gente vai tentar ir mais a fundo aí, para ele verificar internamente se existe TCA ou não pra essa realização. Dói muito quando a gente tá perto, quando a gente vê uma árvore sendo derrubada, mas o que eu falei tem que avaliar cada caso para identificar o que está em jogo, se era terreno particular, se era terreno público, se era terreno de preservação, se foi assinado o TCA, qual foi a compensação para retirada, para a supressão que ocorreu. Então tudo isso tem que ser avaliado, muitas vezes a gente tá lá com o cidadão a gente vê uma supressão, a gente acha que tá sendo feito um abuso, que a gente tenta proteger todo o Verde, mas tem a questão legal envolvida que é permitido, é avaliado pelos nossos técnicos e eventualmente é assinada, quando assinado um termo de compensação ambiental, essa compensação vai existir e a

Secretaria e todos os órgãos públicos vão se certificar que a compensação existe.
Laura.

Laura Ceneviva – Diretora do Comitê de Mudanças Climáticas: Eu pedi para falar, Carlos, porque a intervenção teve a da Vivian, depois a Estela e agora quem é que falou, a Delaine, isso. Elas apontaram questões que são fundamentais para a mudança do clima e que de certo modo não, que estão explicitamente dentro do PLANCLIMA que é o seguinte, por exemplo, eu sou arquiteta, sou arquiteta urbanista, então da turma da Estela, é uma turma que às vezes fica pensando coisas que acha lindo, por exemplo, botar ar condicionado em tudo, meu Deus do céu, o gás refrigerante é um gás de efeito estufa, não é possível. Então ter consumo de eletricidade e um monte de outras coisas mais, que tem impacto direto na questão climática. Então é uma classe profissional que está muito envolvida com a transformação que a gente precisa, vocês viram na minha própria fala inicial, antes da fala da Estela eu falei, esses prédios que são todos de vidro, aí vem a indústria de vidros, não, mas o meu vidro, põe o persiana dentro do vidro, meu Deus do céu. Delaine falou da verticalização, prédios de 45 andares, 20 Torres. Tem um cara que pensa que a vida vai continuar desse jeito, ele põe quatrilhões de reais nisso, acorda para vida. A macrocefalia que é uma cidade como São Paulo, ela foi possível dentro de um determinado modelo que está estertorando, está acabando. Então essa criação dessa noção de valor, o cara não investe 20 Torres de 45 andares porque ele acha que ele vai perder dinheiro, ele acha que ele vai ganhar. Essa cabeça tem que mudar por que as coisas não vão ficar do jeito que estão. A indústria do petróleo vai acabar, esse padrão lógico vai acabar, a maravilha nós temos aqui todo mundo reunido, chegamos nesta maravilha tem o lado negro da força, o lado negro da força é a mudança no clima. Então essa criação de valor isso vai ter que mudar e nós que trabalhamos, profissionais, arquitetura e urbanismo das engenharias em geral, profissionais enfim que trabalham com a cidade são profissionais que têm que mudar suas cabeças, tem que mudar o valor envolvido em cada coisa. Aquilo que a gente, eu gosto disso, as decisões pessoais, o mais importante são as decisões corporativas, sejam as privadas, sejam as governamentais, mas chega à escala do indivíduo. Isso é superimportante, por exemplo, a denúncia que foi feita agora do corte de árvores, toda essa questão climática não chega no ponto zero, ela chega no mundo dado, se a Secretaria do Verde deu alvará, se a CETESB deu alvará, tem uma estrutura legal que ampara para essa porcaria, é burra essa estrutura legal é. Basta ver a Amazônia sendo

derrubada, nós temos uma energia elétrica, potencial hidráulico. Cadê a água dentro dos lagos se a Amazônia está sendo derrubada, e às vezes ela está sendo derrubada por que dá para derrubar entende, por que o cara tem sei lá, 30 Hilux na garagem, dizendo que ele tem uma plantação de soja de milhões de hectares, não vai dar para ser assim mais, tem que mudar. Então eu quis aproveitar essas intervenções para fazer essas considerações.

Carlos Eduardo Guimarães – Secretário Adjunto SVMA: Ângelo.

Ângelo Iervolino – SAL: Aproveitando a fala da Viviane, lembrei bem em frente do Planetário do Carmo no ano da Copa aqui no Brasil, pessoal foram esperto fizeram invasão numa área muito grande, tinha muita Eucalipto, mas tinha muito remanescentes da Mata Atlântica que praticamente está encostado com a APA Parque do Carmo e do lado deles nós temos a Gleba do Pêssego, então eles vão construir mais de 2.000 unidades que nós fizemos a conta levando em torno de 5 a 7 moradores daria em torno de 10 a 13 mil moradores, em uma região que não tem infraestrutura nenhuma, nós do Conselho da APA do Carmo no qual eu faço parte também, entramos no Ministério Público, fomos numa repartição da prefeitura também levar e comentei aí no CADES, perguntei a questão se isso ia passar pela comissão, mas espertamente eles foram dando entrada em pequenos lotes que no caso não (som ininteligível) para fazer EIA/RIMA. A questão de uns anos atrás nós DO Conselho Da APA junto com o pessoal da Secretaria do Verde, fomos visitar o local, adentramos, lá tem inclusive nascentes que vão acabar. Então aproveitei a fala da Viviane, me lembrei, por isso que eu insisto, eu estive esses dias, no Tiradentes com a Anita estava sendo tratada no Plano Municipal de Mata Atlântica, a criação desse corredor Ecológico que eu citei anteriormente do Parque do Carmo até Tiradentes porque daqui a pouco vão construir tudo, está acabando com todos nossos verdes. E a gente tem trabalhado a respeito disso e quando eu citei sobre a Prefeitura, que quanto mais a gente precisa, estão acabando com o departamento que cuida da questão Verde. Então a gente fica chateado a gente luta, luta, luta, e o poder público mesmo às vezes é contra nós. Carlos querendo aproveitar, eu era para estar presente aí, mas eu consultei a Secretaria e falaram que tinha somente eu de inscrito. Se eu soubesse eu tinha vindo fazer companhia para o meu amigo Oswaldo que também é da Leste. Obrigado pela...

Carlos Eduardo Guimarães – Secretário Adjunto SVMA: Na reunião todos são bem-vindos. Não está na vez do Ramos? Acho que está, José Ramos não vamos deixar o Sr. esperando não.

Liliane Neiva Arruda – Coordenadora do CADES: Só complementando, só um minutinho, o Sr. Oswaldo ontem a noite que estaria aqui presente. Até então só teria Sr. Ângelo mesmo.

Ângelo Iervolino – SAL: Ok, na próxima nem que for só eu, vou fazer companhia para você.

Liliane Neiva Arruda – Coordenadora do CADES: Com certeza, seja muito bem-vindo aqui.

José Ramos de Carvalho – APGAM: (som ininteligível) para Viviane porque aí depois eu vou até comentar um pouquinho sobre a CETESB também.

Vivian Prado Fernandes - CPA/SVMA: Eu só queria fazer um complemento na fala da Laura, Secretário. Para dizer o seguinte, nós estamos tendo a oportunidade de participar de algumas Assembleias, desculpa me fugiu a palavra agora, não são Assembleias. É sobre a revisão do Plano Diretor algumas, Audiências Públicas, obrigada. É a idade, RG baixo dá isso. E nessa oportunidade nós poderíamos muito bem tratar, eu sei que assim é completamente dar murro em ponta de faca. Mas essas oportunidades de aumento do potencial construtivo tem sido recorrentes em São Paulo e em outras cidades da região metropolitana também. Assim como a compensação do que a gente acabou de falar em relação à supressão de vegetação seja em áreas de Mananciais, seja fora das áreas de Mananciais com aplicação do Código Florestal. Então eu não sei se nós poderíamos tirar o esforço daqui do CADES e introduzir, redigir um documento em relação a isso porque é a oportunidade. O Plano Diretor está sendo revisto aí. Nós temos diuturnamente as pessoas que olham os terrenos com potencial construtivo, eu tenho um exemplo aqui muito próximo da gente a bifurcação do final da Raposo Tavares com a MMDC, com a Francisco Morato. Eu contei outro dia secretário são 32 prédios entre a Rua Alvarenga e a Francisco Morato que vão surgir aí nos próximos 2 anos. Então eu fico pensando nisso, a gente nesse ambiente aqui nós

trazemos a tona todos esses problemas mas ao mesmo tempo quando a gente fechar esse ambiente e pegar o processo eu vou aplicar legislação e vou permitir que, se der um alvará, se der uma LP, uma LE, uma LO. O que a gente efetivamente neste ambiente pode fazer para levar acima, seja no nível de mudança de legislação de Plano Diretor para que a gente possa eventualmente sinalizar esse problema para as autoridades, e para esses empreendedores que de fato não tem esse olhar é só uma indignação, mas eu acho que vem a calhar porque eu tenho recebido as convocações das audiências públicas, mas não adianta uma pessoa ir lá falar. Eu faço até parte do conselho do meu bairro e eles também ficam revoltados da mudança de uso que vem ocorrendo aqui.

Carlos Eduardo Guimarães – Secretário Adjunto SVMA: Vivian, eu como cidadão, gente sofre como eu falei antes, sofre sempre que vê uma árvore sendo derrubada ou até quando a gente acorda com barulho de serra elétrica no ouvido. Apesar de morar praticamente do centro de São Paulo moro próximo da Água Branca, algumas semanas atrás eu acordei com barulho de serra, um empreendimento aí essas operações de HES, operações integradas que habilitam construtoras a levantar prédio e a gente tem esse desgosto, essa surpresa. Em relação aos agentes públicos a gente tá preso às normas, a gente está preso à Lei. Então mais do que agentes fiscalizadores, sensores, a sociedade civil entendo eu, ela tem que trabalhar com os Órgãos do Executivo e com a Câmara Municipal para que as ações de proteção sejam formalizadas, sem essa formalização, sem alteração de normas, sem determinação, definição de áreas de proteção, resta aos agentes públicos responsáveis pela fiscalização, o licenciamento, a cumprir o que está na Lei, não tem alternativa. E nesse ponto os colegiados, principalmente o CADES ele é importante porque é a representatividade da sociedade civil junto com a representatividade da municipalidade trabalhando em prol do meio ambiente e eventualmente como você falou, fazendo cartas ou tentando influenciar tanto o executivo quanto eventualmente a Câmara Municipal e a ALESP em relação ao que está acontecendo, não tem alternativa. Se estiver dentro da lei a gente tem que cumprir, se você não cumprir você tá cometendo ato ilegal e vai pagar por isso, e pior a gente paga no CPF. É muito doloroso, mas é o que eu falei o que me conforta às vezes a noite é saber olha, para cada corte de árvore tem uma compensação envolvida, compensação financeira, compensação em plantio, aí é o que pouco me conforta aí à noite.

Vivian Prado Fernandes - CPA/SVMA: Nós poderíamos, por exemplo, fazer um subgrupo e uma moção à Câmara Municipal em paralelo ao Governo também do Estado? Pode acontecer isso no ambiente do CADES. É uma pergunta.

Carlos Eduardo Guimarães – Secretário Adjunto SVMA: Pelo balançar da cabeça da Laura (risos).

Vivian Prado Fernandes - CPA/SVMA: Fica a sugestão de trabalho.

Carlos Eduardo Guimarães – Secretário Adjunto SVMA: é trabalhar no relatório, que tem que ser técnico. Tem que chamar atenção, ou relatórios de coração que a gente normalmente recebe e não produz tanto efeito. Então é o que eu falei o CADES como colegiado ele pode, deve se fazer influir ou gerar a sua influência em relação a todos os Órgãos do Poder Público, inclusive Executivo e a Câmara Municipal, para chamar atenção para sensibilizar esses atores aí que são os responsáveis por discutir e aprovar Leis que limitam ou facilitam a preservação ou não ambiental.

Marco Antonio Lacava – CMSP: Secretário apenas para colaborar com uma dúvida levantada pela Vivian, o Secretário de Urbanismo Dr. Marcos Gadelho na Câmara Municipal despachando com o presidente levando ao presidente uma proposta de agenda para desenvolvimento de audiências públicas patrocinadas pela Secretaria de Urbanismo para tratar da revisão do Plano Diretor. O Presidente de imediato não só acatou a agenda como colocou a Câmara Municipal e em particular a comissão de Urbanismo e Meio Ambiente a disposição para cumprir a agenda ou calendário elaborado pelo Dr. Gadelha. Isso já foi pensado Vivian e acredito que a Secretaria do Verde também será o adjuvante nessas audiências públicas, e aí nós poderemos intervir e levar as propostas que seriam interessantes discutir com relação aos licenciamentos, os licenciamentos que às vezes por equívoco consideram algumas facilitações permitindo no caso da Vila Silvestre, uma supressão em massa de espécies de uma floresta ombrófila densa, que foi equivocadamente autorizada pela Secretaria do Verde. Então eu acho que é oportuno a participação de uma comissão da Secretaria nas audiências públicas que serão realizadas pela Secretaria de Urbanismo em conjunto com a Câmara Municipal, parece que o já houve por parte do Ministério Público uma suspensão dessa agenda a atividade está suspensa, mas ocorrendo eu acho muito

oportuno que a Vivian colocou de participar para adequar as propostas da reforma do Plano Diretor.

Carlos Eduardo Guimarães – Secretário Adjunto SVMA: Isso aí Lacava. Eu só faria uma pequena conversão, uma pequena retificação “equivocadamente” aprovada pela Secretaria do Verde. Eu tenho que proteger o meu time, isso daí tem que ser avaliado como eu falei, tem que ser avaliado se foi elaborado TCA, se foi feito o licenciamento, qual foi a compensação e depois fazer as devidas apurações para depois ver o que tá na Lei, o que não tá, se foi legal ou não e depois a gente tomar as devidas providências antes das devidas apurações internas a gente pensar em se houve equívoco ou não. A gente pode até falar, houve um equívoco na intenção ambiental, mas aqui a gente tem que atuar conforme a legislação adequada.

Ângelo Iervolino – SAL: Carlos só para questão, pelo que a Delaine falou eu acho que até o próprio Lacava, nesse caso aí de maioria da área tá dentro do Município de Osasco. A Secretaria tem alguma parceria com as cidades vizinhas à nossa, para esse tipo de compromisso ou não, eles são independentes para fazer...

Carlos Eduardo Guimarães – Secretário Adjunto SVMA: Então Sr. Ângelo a nossa Secretaria do Verde ela é responsável pelo Município de São Paulo. Então como o Sr. acabou de falar, se a área devastada, a área suprimida, melhor dizendo ela tá dentro de outro Município, isso aí não cabe a secretaria Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente. Nós temos boas relações com todos os outros Prefeitos, mas ao mesmo tempo também sabemos que a diferença de capacidade entre São Paulo e as outras cidades da região metropolitana da grande São Paulo ela é significativa são as limitações legais da nossa capacidade de atuação.

Marco Antonio Lacava – CMSP: Ângelo.

Ângelo Iervolino – SAL: No caso desse projeto pelo que eu entendi que o Marcos falou, a maior parte é Osasco mais adentra São Paulo. Eles viviam na parte de São Paulo que provavelmente eles entraram com o projeto só lá em Osasco, mas a parte de São Paulo deveria estar sujeita à apreciação da Secretaria.

Carlos Eduardo Guimarães – Secretário Adjunto SVMA: Sim, exato. Se está dentro de São Paulo a rigor, está dentro competência da Secretaria. A parte de dentro do Município São Paulo. A gente não pode, isso não pode atuar sobre áreas de outros Municípios.

Marco Antonio Lacava – CMSP: Secretário, apenas para esclarecer o Ângelo. Eu quero dizer que a parte de São Paulo, já houve por parte da Secretaria e por parte do Ministério Público uma suspensão das atividades já houve uma liminar impedindo que prosseguisse a execução do projeto em virtude do desmatamento. Com relação a Osasco tem uma licença da CETESB. Aí complica um pouco mais Secretário. Por que a CETESB autorizou Osasco a aprovar um desmatamento que é um Bioma, a Mata Atlântica não tem limites, são 78 municípios da reserva da biosfera do Município de São Paulo que tem que ser preservada que inclui a Mata Atlântica. Então como bem disse o Secretário, São Paulo nós tratamos e tá parada, a situação estagnou, foi feita a supressão no dia 7 e no dia 8 de Junho em Osasco, mas em São Paulo não. Em São Paulo houve uma liminar proibindo ok, Iervolino.

Ângelo Iervolino – SAL: Obrigado Marcos.

Participante não identificado: Marcos, se você quiser passar para mim essa, pode passar no e-mail, vou colocar um e-mail aqui a gente também encaminha isso, eu não sei se foi no âmbito por terem dois municípios, eu não sei se a licenciamento foi no âmbito da Diretoria de Impacto por conta de EIA/RIMA, ou se ele ocorreu isoladamente. Digamos que a ocupação seja feita só no Município de Osasco aí ele ocorria somente na agência de Osasco por meio da Diretoria de controle. Então vou deixar meu e-mail aqui para você, se você quiser me passar esses dados eu posso verificar o que aconteceu. Como eu falei, as legislações são permissivas, então as pessoas recorrem às maquiagens que a legislação permite e taca-lhe pau né. Eu não sei dizer.

Carlos Eduardo Guimarães – Secretário Adjunto SVMA: Numa área cinza que não tem muito que fazer, a não ser alterar a legislação, alterar a norma, ou seja, se está dentro da norma o técnico é obrigado a liberar, e se ele não liberar ele vai ter um processo encima dele, encima do CPF dele. Então mais do que a questão ambiental, ela leva muito um envolvimento da sociedade, dos principais atores, da academia em relação a

conversa com aqueles atores que efetivamente decidem com o Executivo, com o legislativo, para que todo mundo, para que o meio ambiente seja preservado. É muito complicado, é o que eu falo, dói no coração a gente ouvir, é o que eu falei, é como eu durmo toda noite, dói no coração a gente ouvir uma serra, a gente ver árvores sendo tombadas. Eu pessoalmente a coisa que me conforta minimamente é saber que vai haver algum tipo de reparação, de compensação e que diversos tipos de compensação e que estes recursos quando financeiros, eles vão ser utilizados pelo bem da sociedade.

Liliane Neiva Arruda – Coordenadora do CADES: Priscila, por favor.

Priscila Socudo Diniz – CFA/SVMA: Olá boa tarde a todos. Eu sou a Priscila da Coordenação de Fiscalização Ambiental aqui da Secretaria do Verde e no que concerne as denúncias feitas dentro do Município de São Paulo, a coordenação de fiscalização quer apurar e razão pela qual eu peço que os locais que foram ditos durante a reunião, que houve irregularidades, sejam mandados para mim, por favor, por e-mail tá, Eu vou colocar à disposição aqui o e-mail da Coordenação de Fiscalização Ambiental, mas também tem meu e-mail na cadeia de e-mails aí do CADES, mandem sim que a gente vai apurar tá bom. Muito obrigada.

Carlos Eduardo Guimarães – Secretário Adjunto SVMA: Muito obrigado Priscila, é isso aí parado a gente não fica, a gente toma providências. Então aqui para fazer o que for necessário, o que a gente não pode é atuar contra a Lei.

Liliane Neiva Arruda – Coordenadora do CADES: Sr. José Ramos, por favor.

José Ramos de Carvalho – APGAM: Eu estou participando do CADES, José Ramos de Carvalho eu quero destacar o nome Associação Paulista de gestores Ambientais. Como Gestor Ambiental, eu estou detestando já essa coisa de termo de ajuste de Conduta, que dá a possibilidade para todo criminoso e o CREA tem que (som ininteligível) para todo criminoso atuar e cortar 377 espécies então todo criminoso. Nós estamos com essa mesma dificuldade em Ubatuba e vejam Camboriú, o que aconteceu com Camboriú agora essa mesma coisa da luta Imobiliária para que todo mundo possa dormir tranquilo, me desculpa viu Carlos, mas não é bem assim sabe por que, e aí eu vou mexer com a Estela e vou mexer também com a Viviane. A Viviane falou da questão

de licenciamento se no PDE, o menino que está sendo formado agora, ele olha o que a Lei que está vigente, qual a Lei que está vigente do Plano Diretor do estado de São Paulo, é a 16050-171 Atividade de Impacto de Vizinhança. Então imagina só, agora eu vou mexer com a Estela de arquitetos e com a minha querida Laura, observe só, esse aqui Laura não era um aterro que estão colocando 200 mil metros, é um Centro Logístico de Caminhões. Então você imagina 1500 caminhões diários e olha só agora vou mexer com a parte de Arquitetura, e esse envolvimento com o Meio Ambiente, para que lado vai ficar esse telhado de um galpão de 300 mil metros quadrados, de 300 metros quadrados, são três galpões imensos. Se ele ficar para o Norte que vai acontecer com a ilha de calor, ele vai ampliar, mas não é um TCA que disse para mim assim, não, ele pode tudo em 24 horas e destrói tudo não, não pode é tão criminoso quanto esse Engenheiro, esse cara que tem conhecimento técnico e sabe o que ele tá fazendo, um crime. Por que esse mesmo TCA ele vai ser para aquele dia. O que a Viviane mencionou na questão licenciamento, mas o que vai acontecer com nossas crianças aqui, com poluição, a criança que vai nascer aqui vai continuar com 10, 15, 20 anos com poluição, eu vou dormir tranquilo, não vou dormir. Porque o TCA dele continua, o impacto dele continua, o próprio engenheiro da obra que se chama Eric, e agora engraçado quando se põe a placa "Sanca" na cidade de São Paulo, não tem mais placa de responsabilidade técnica, a sanca é que vale. É isso gente, é só vocês virem aqui eu mostro para vocês. Os caras seguem a gente com moto, fotografa o carro da gente, é a santa que vale. Então quando você observa esse tipo de mortalidade de espécie, 377 espécies e a gente tem que olhar com a condescendência de que há termo de ajuste, mas qual a Lei que está vigente agora, que não foi mudado o PDE. Ele está dizendo que Impacto de vizinhança e Meio Ambiente não pode mexer, é simplesmente isso, eu não posso olhar para minha UBS, ela não tem um equipamento respiratório para nossas crianças aqui gente, quando eu falo ensacada eu vou levar mesmo, a gente ensaca aqui. Então isso, agora todo mundo achou como tá em Ubatuba, grande discussão também imobiliária do termo de ajuste de Conduta, o cara vem destrói a Mata Atlântica e destrói o que ele quer, aí depois ela, não agora ele vai perguntar lá perto da Fazenda dele, 200 árvores para ser o nosso termo de Conduta aqui na cidade de São Paulo. É impossível gente como é que eu vou explicar isso para o gestor ambiental que está acabando de se formar, que tem lei, que tem que seguir, a CETESB também igualmente como é que eu vou explicar, olha até agora a CETESB não veio aqui. Apesar, que a Viviane pode ser educada comigo no início. Mas na verdade é isso que

está acontecendo gente, o Termo de Conduta está dizendo para todos nós, faz o que você quer que depois a gente faça um termo de Conduta. Aí a gente cai naquela coisa da Judicialização, é isso que a gente não deseja. Eu sou gestor ambiental não posso ir para, então eu não preciso pedir para ninguém, não precisa ir pra CETESB, não precisa ir para a Secretaria do Verde, vamos direto lá para advogada ou ir para o Ministério Público, seja ele Estadual ou Federal. E no caso aqui é Federal porque na verdade eu tô jogando 474 milhões de reais para lata do lixo, por conta das enchentes. Então o termo de ajuste de Conduta ele não pode ser essa ferramenta criminosa que a gente tem agora, não para salvar 377 espécies que foram exterminadas, por que elas vão levar 20 anos para voltar ao estado que elas estão hoje. Então é isso, é uma coisa horrível, um crime isso, então eu tenho que continuar dizendo para os nossos meninos que estão se formando nas Universidades hoje (som ininteligível) e demais espalhadas por todo o Brasil, que a legislação vigente no caso de São Paulo Federal, Municipal, diz que não pode em termo de impacto de vizinhança fazer esse tipo de coisa, e na Arquitetura aí querida Laura, olha só o absurdo, eu não sei para onde vai esse telhado, se ele for para o norte eu vou ter sol o dia inteiro sobre ele, impactando ainda de calor, agora imagina querida Laura quando chegar o El Niño, aí ele vai dar o retorno que a gente tanto merece. É só isso desculpa, mas é isso que eu queria dizer, obrigado.

Carlos Eduardo Guimarães – Secretário Adjunto SVMA: Valeu Ramos, é isso aí. Lembrando TAC é uma coisa, TCA é outra, ajustamento de Conduta a gente fala sobre alguma coisa que foi feito errado aí que tem aquela, a conduta tem que ser corrigida, o TCA é outro, ou seja, termo de compromisso ambiental, compensação ambiental, são dois termos que são utilizados em momentos distintos, em locais distintos não é, o ajustamento de Conduta e o compromisso ambiental, compensação ambiental. Licia queria falar.

Licia Mara Alves – SMC: Olá bom dia, eu sou Licia, sou representante da Secretaria de Cultura, sou arquiteta do DPH. Eu queria, eu vou insistir né, entrei na fila para as falas. Em primeiro lugar agradecer a apresentação da Laura, belíssima apresentação, embasadas cientificamente, muito boas, fazer um convite para que essa apresentação seja feita na Secretaria de Cultura e em especial vejo vários elos, vejo vários pontos de encontro, das questões ambientais, das questões de Cultura numa esfera mais ampla e principalmente das questões que envolvem hoje a preservação do nosso Patrimônio

Cultural da Cidade que muitas vezes perpassam também por que (som ininteligível) áreas verdes, áreas ambientais enfim, uma luta de décadas aí na proteção de um meio ambiente de qualidade na cidade de São Paulo. Aí nesse sentido eu vou entrar um pouquinho e fazer apenas algumas especulações, também nas questões legislativas. Como hoje o DPH tem uma interface muito grande com os licenciamentos na cidade de São Paulo, a gente conta hoje com 4 mil imóveis, em torno de 4.000 imóveis tombados na cidade de São Paulo, se a gente for ampliar com um o espectro maior todos os imóveis protegidos, a gente chega 25 mil imóveis protegidos, que de alguma forma acabam, enfim, tendo algumas questões de patrimônio para serem consideradas em seus licenciamentos. E aí eu queria relembrar que recentemente aí no último mês foi aprovada a Lei do Retrofit, o Decreto que regulamenta a Lei do Retrofit que ao mesmo tempo é um olhar bastante assim, de alguém do patrimônio, alguém que tem tentado investigar um pouco também essa questão da sustentabilidade dessa cidade sustentável, essa cidade construída, esse ambiente construído, ela é um avanço muito grande em se incentivar reabilitação desses imóveis na área Central que estão lá vazios. Enquanto ao passo que a gente observa, essa é uma queixa da cidade inteira indo ao chão, Pinheiros, Brooklin, Santo Amaro, Moema, Vila Mariana, enfim toda sendo demolida, sendo transformada e ao mesmo tempo no Centro que esta um tanto quanto abandonada. Então eu acho uma ação muito favorável, muito positiva do poder público, de Ismo hoje em si promover, incentivar o uso dessas edificações existentes. Por outro lado também fica uma crítica e de quem é assim absolutamente externa, por que eu não participei deste processo, desse DPH, não participei desse Decreto, embora a gente tenha (som ininteligível) porque eu não vejo nele algumas questões importantes para se entender a sustentabilidade das construções, como incentivos a outras formas de energia solar enfim, não vejo, não consegui ver um incentivo maior, mas de qualquer forma, Roma não foi feita em um dia, eu já acho positivo que a gente tenha caminhado nesse sentido, acho que aos poucos a gente vai regulamentando, vai trabalhando questões que faltam, mas enfim, acho que a gente é isso de novo. Eu sou fã da cidade de São Paulo, sou servidora pública à 15 anos. Então não me furto nunca dizer, sou ex-diretora do DPH também, não me furto nunca dizer que a gente tem um papel importante como um protagonismo esteja para região metropolitana, no sentido legislativo como exemplo para a gente como Cultura também no Brasil. E aí alguém já esboçou que até para o mundo, acho que a Laura mesmo falou na apresentação para o mundo, eu sei que realmente a nossa legislação do Meio Ambiente realmente, a gente

está de parabéns, a gente ganha um “joinha” para a linguagem dos mais jovens. Enfim era isso, eram algumas ideias soltas.

Carlos Eduardo Guimarães – Secretário Adjunto SVMA: Parabéns Licia. Exatamente, somos todos fãs de São Paulo e principalmente aqui fãs do Meio Ambiente e do Verde. Obrigado aí pela participação, temos ainda aqui a Estela, queria fazer...

Liliane Neiva Arruda – Coordenadora do CADES: Laura acho que quer falar.

Carlos Eduardo Guimarães – Secretário Adjunto SVMA: Laura desculpe.

Laura Ceneviva – Diretora do Comitê de Mudanças Climáticas: É melhor a Estela, ai eu falo depois.

Estela Macedo Alves – IAB: Eu ia falar que...

Carlos Eduardo Guimarães – Secretário Adjunto SVMA: A gente está... (risos)

Estela Macedo Alves – IAB: Encima da hora.

Carlos Eduardo Guimarães – Secretário Adjunto SVMA: Exato.

Estela Macedo Alves – IAB: É rapidinho, só ia falar que essas tecnologias todas tanto quando ele falou do telhado lembrei-me das disciplinas de conforto ambiental, tecnologia para captação de água da chuva, para captação de luz solar, elas são muito caras ainda, mas elas existem, é de domínio de muita gente São Paulo principalmente, que é o que eu mais conheço, e que a gente tem que promover o uso disso não é, isso faz parte do que eu falei, de conversar com os arquitetos, mas só para ser rápida...

Carlos Eduardo Guimarães – Secretário Adjunto SVMA: Vou fazer uma propaganda aqui da SMBUB, da nossa querida Carol Lafemina, existem projetos de jardim de chuva, existem diversos projetos ambientais, inclusive com a colaboração da Secretaria de relações internacionais para buscar investimentos estrangeiros para desenvolvimento de diversas tecnologias, entre elas, Jardim de chuva que já estão em processos de

teste no centro de São Paulo e com a expectativa e ideia de espalhar esse daí pela periferia. São diversos segmentos, são diversas iniciativas todas voltadas aí sempre pensando no bem-estar da população, Meio ambiente permeabilidade de solo, permeabilidade no geral, são projetos que não só o verde que a gente acaba sendo transversal aí se relacionando a diversas outras Secretarias, mas outras Secretarias também na municipalidade trabalham com projetos que também visam à melhoria no conforto ambiental dos cidadãos. Laura quer falar alguma coisa?

Laura Ceneviva – Diretora do Comitê de Mudanças Climáticas: Sim obrigada Carlos. Eu vou, desculpa. Eu vou procurar as últimas pessoas e aí fechar aquilo que precisa. Primeiro dizer, acho que foi a Vivian que falou daquele negócio da bolha, de ficar numa bolha dos convertidos, dos catequizados e tem que espriar pelo debate pela, levar informação do nosso ponto de vista a gente como equipe está disponível. A quem quiser convidar para ir lá debater, nós também não temos respostas certas, mas muitas coisas a gente já tem no mínimo reflexões, além de eventualmente termos informação. Então estamos todos disponíveis para quem se interessar. Segundo, eu queria dizer, lembrar, de uma coisa que se chama Greenwashing que significa Lavar Verde, as coisas que parecem ser verdes, mas não são. Então todos nós, como indivíduos, e aí é do ponto de vista do indivíduo, seja o indivíduo no papel de consumidor, seja o indivíduo no papel de produtor, daquele que tá trabalhando e fazendo alguma coisa, a gente tem que ter clareza daquilo que efetivamente faz bem para o ambiente e no caso para mudança do clima, mas também para não ser, para não usar, determinadas palavras e ações para parecerem coisas que não são. Então a gente tem que combater o Greenwashing, que é a hipocrisia institucional, seja de pessoas, seja de empresas, seja de governos, são os fariseus verdes para usar uma linguagem religiosa.

Carlos Eduardo Guimarães – Secretário Adjunto SVMA: Parece, mas não é. Né Laura.

Laura Ceneviva – Diretora do Comitê de Mudanças Climáticas: Parece, mas não é. Exatamente, a segunda coisa que eu queria e falando de Greenwashing, eu queria usar o exemplo de Camboriú. Camboriú é uma cidade que é muito disputada, as pessoas, tem muita gente que acha Camboriú o máximo, e aí em Camboriú que ela sempre foi uma cidade turística desde o começo, é aquela sociedade construiu prédios que tiraram o sol da praia, o cara ganha, é uma cidade turística com o seu ganho e tira o sol da

praia, e tem gente que achou legal, comprou apartamento lá, aí agora, o que gastam quatrilhões e aumentam a praia. Já ouviram falar de mudança climática, lembra o urso polar, o mar vai subir, eles gostam quatrilhões e aumentam a praia. Aí eles acham legal e fazem um monte de prédio alto, tem o maior orgulho de ter os prédios altos. Aí vem a tempestade tropical Yakecan e chacoalha os prédios. O pessoal lá no alto dos prédios, o prédio chacoalha. Então só para dizer que Camboriú é um belo exemplo particularmente de apropriação de recursos públicos, a praia, pelo capital privado e depois do uso do dinheiro público para recuperar algo que privadamente foi degradado e particularmente numa situação em que já se mede que o mar tá subindo, então para mostrar que os valores na cabeça do ser humano tem coisa assim que só mesmo a fada Sininho pode explicar, mas é um fato, e a gente põe fé e dinheiro em cima dessas coisas, então é importante a gente aprender com os erros e acertos dos outros, usar estas coisas que acontecem para que nós possamos corrigir as nossas próprias decisões, inclusive como instituição, que é a decisão mais potente é a das instituições privadas e públicas. Então para ter claro isso, usar o exemplo daquilo que já foi feito errado. Outro exemplo o Edifício São Vito ali no Parque Dom Pedro, um bellissimo prédio que virou uma favela vertical até ser demolido. O que é que está acontecendo agora com esses montes de prédios que não tem um proprietário. Esses prédios são construídos com fundos imobiliários, quanto cada um que tem conta em banco o gerente fala, o Sr. não quer investir nos fundos imobiliários. E aí vai ficar todos esses prédios aí, acontece o quê com eles, a gente tem que aprender com os próprios erros e evidentemente a legislação tem que ser formulada de acordo com essas experiências, os erros e os acertos que a gente tem na nossa história. E aí só para terminar, eu vou chegar ao que a Licia falou, ela apontou patrimônio material das edificações, mas São Paulo tem um patrimônio imaterial da sua sociedade, que foi construída em cima de uma diversidade cultural muito grande que precisa ser preservada, mas ao mesmo tempo a gente tem que aproveitar os nossos erros do passado e corrigir aquilo que a gente vai fazer e não se trata de ficar fazendo uma boniteza aqui outra boniteza acolá e fazendo Greenwashing, a gente tem que mudar nossa estrutura de cidade, o Plano Diretor a revisão do Plano Diretor é uma excelente oportunidade, acompanhar o que tem em Brasília. O que está acontecendo com o ambiente no Brasil é uma questão que nos afeta como brasileiros. E aí a constituição é que tá em jogo, porque ela nos garante um ambiente saudável, então existe toda uma discussão que é imensamente política e volto frisando o patrimônio imaterial dos paulistanos, que é essa coisa da liderança

política, de uma ousadia que tem que ser positiva, construtiva, agregadora em relação ao futuro e não é fácil fazer isso porque a cabeça nossa pelo menos eu, que já tenho muito, não vou falar quanto, mas eu já tenho bastantes anos, é uma cabeça que foi formulada de outro jeito. Eu estava na faculdade de arquitetura, sabe como fazer projeto derruba tudo e começa de novo, e foi assim que eu aprendi está errado, tá errado. Então essa reflexão a gente tem que fazer e tem que mudar, não é fácil mudar porque às vezes a gente nem enxerga, vocês viram que eu mostrei lá no começo quando eu falei do risco, a gente não enxerga, quantos políticos têm, chegou um Prefeito que enxergou e agiu. Então não é simples, mas a gente tem que fazer, se não a gente vai ser atropelado.

Carlos Eduardo Guimarães – Secretário Adjunto SVMA: Grande Laura, é sempre muito bacana te ouvir, ou seja, a gente não pode só pensar diferente, a gente tem que fazer diferente, a gente tem que fiscalizar diferente, a gente tem que atuar diferente e como a gente falou, a gente tem que tentar influenciar os principais atores para que a mudança ocorra o quanto antes.

Liliane Neiva Arruda – Coordenadora do CADES: Obrigado Laura pelas suas palavras, foi uma excelente explanação da Laura. Foi muito rica a apresentação hoje, foi bem produtiva nossa reunião de hoje do CADES e quanto à reunião de ontem que foi uma aula do CADES regionais e eu vou está conversando com a Rute junto com o Radir, para ver se no dia 17 de julho ele pode estar fazendo apresentação conosco aqui no CADES, que é de extrema importância para todos nós aqui. Foi muito rica a aula que ele deu ontem no CADES regional. Então eu já vou estar vendo com a Rute junto com o Radir se na próxima reunião ele possa estar aqui presente conosco. Passando agora para o quarto ponto do expediente do dia...

Participante não identificado: Lili seu microfone está fechado.

Participante não identificado: Liliane seu microfone está fechado. Ninguém te ouve.

Liliane Neiva Arruda – Coordenadora do CADES: Oi.

Carlos Eduardo Guimarães – Secretário Adjunto SVMA: Todo mundo ouviu a Liliane? Ou não estão me ouvindo. Agora sim. Então é muito bacana a gente participar dessas reuniões, onde a gente tem discussões, a gente tem apresentação, a gente aprende mais um pouquinho e a gente chega a decisões e soluções. Importante ressaltar o quão importante é o CADES para cidade de São Paulo, o envolvimento e como entidade influência, de discussão das questões ambientais e influência dos principais atores, Executivo, Prefeitura, a Câmara. Então me dá muito prazer, muito orgulho fazer parte e ajudar na condução dos trabalhos. Dito isso, até pelo horário eu agradeço muito a participação de todos, o envolvimento de todos, atenção de todos e dou por encerrada a nossa reunião. Muito obrigado, até a próxima, um abraço caloroso e um bom final de semana e feriado. Tchau pessoal.

EDUARDO DE CASTRO

Presidente do Conselho Municipal do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável – CADES
Secretário da Secretaria do Verde e Meio Ambiente